

 HARLEQUIN

Blanca

Barbara McMahon

Porta com porta



Bianca®

Barbara McMahon
Porta com porta



Editados por HARLEQUIN IBÉRICA,
S.A.

Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2010 Barbara McMahon. Todos os
direitos reservados.

PORTA COM PORTA, N.º 1367 -
Fevereiro 2013

Título original: Angel of Smoky Hollow
Publicado originalmente por Mills &
Boon®, Ltd., Londres.

Publicado em português em 2013

Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são reservados. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV.

Todas as personagens deste livro são fictícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

® Harlequin, logotipo Harlequin e Bianca são marcas registradas por Harlequin Books S.A.

® e ™ São marcas registradas pela Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas que têm ® estão registradas na

Oficina Española de Patentes y Marcas
e noutros países.

I.S.B.N.: 978-84-687-2539-0

Editor responsável: Luis Pugni

Conversão ebook: MT Color & Diseño

www.mtcolor.es

Capítulo 1

Angelica Cannon saiu do autocarro e chegou a um outro mundo. Arrastou a mochila pelas escadinhas do veículo e assegurou-se de que a apreciada caixa do seu violino não chocava com nada. Havia muita humidade e calor. As árvores que ladeavam a rua não ofereciam muita sombra.

Fora-se embora sem dizer a ninguém para onde ia. Tinha retirado uma grande soma em dinheiro da sua conta bancária, antes de comprar um bilhete de

autocarro, com destino ao sul.

Três pares de olhos observaram-na. Dois deles pertenciam a dois homens com mais ou menos oitenta anos, de cabelo grisalho, que estavam vestidos com uma roupa que parecia ter sido desenhada durante a Grande Depressão. Estavam sentados em cadeiras de baloiço, mas tinham o corpo muito rígido, como se o facto de observar as pessoas a sair do autocarro fosse algo demasiado importante para perder ao balançarem-se.

O terceiro par de olhos fez com que ela sustivesse a respiração, fosse incapaz de se afastar do autocarro e se sentisse incapaz de respirar. O possuidor daquele olhar intenso estava

apoiado de maneira casual, numa das colunas que davam suporte ao teto da estação.

Escuros e perigosos, os seus olhos refletiam grande masculinidade. Tinha cabelo preto e ondulado, mais comprimido do que o dos homens com quem ela se relacionava normalmente. Poderia ser o neto dos outros dois senhores. Certamente, não teria mais de trinta anos. Ao olhar para ele e ver como era musculado, quase se engasgou com a sua própria saliva. Sentiu-se atordoada com o brilho daqueles olhos e a maneira como lhe devorou o corpo com o olhar. O seu coração acelerou e a sua aparência sofisticada desapareceu

durante breves segundos. Nunca sentira uma atração sexual tão intensa.

Respirou fundo e aproximou-se do trio que estava no terminal de autocarros, onde também havia uma loja e uma bomba de gasolina.

De ombros largos, braços e peito musculados, aquele homem cativante não podia esconder o seu corpo fantástico sob a t-shirt azul e justa, que vestira e combinara com calças de ganga e umas botas de motociclista. Tinha um rosto anguloso e escuro. Nunca na vida vira algo tão belo. Sentindo-se ainda mais alterada, desejou poder verificar o estado da sua maquilhagem, do seu cabelo e da sua roupa, assim como encontrar algo interessante para dizer,

para o impressionar com a sua inteligência e sofisticação.

Roupa... Olhou para a que usava. A t-shirt e as calças de ganga que escolhera para a viagem eram bonitas, mas aquele não era o seu estilo habitual. De facto, apostaria que a mãe nem sequer sabia que tinha um par de calças de ganga.

Mas não queria pensar na progenitora! Tinha decidido ir-se embora para pensar na sua relação com os pais, no seu trabalho e no que queria fazer no futuro.

– Enganaste-te na paragem, querida?
– perguntou o homem, ao vê-la a aproximar-se do alpendre.

Angelica quase desmaiou ao ouvir o

tom de voz profundo e o sotaque do sul daquele estranho. Quase lhe pediu para falar mais. Mas decidiu simplesmente responder:

– É Smoky Hollow, no Kentucky?

– Sim – respondeu ele.

– Que bonita! – exclamou um dos idosos, como se ela não estivesse presente.

– Porque está aqui? É familiar de alguém que conheçamos? – perguntou o outro senhor.

– Era precisamente isso que eu ia perguntar – assegurou o jovem fascinante, afastando-se da coluna de uma maneira muito masculina.

Angelica perguntou a si mesma se as suas hormonas tinham sofrido algum tipo

estranho de alteração desde que atravessara a fronteira daquele Estado. Queria aproximar-se do homem e namoriscar com ele.

Namoriscar? Nunca fizera nada parecido em toda a sua vida.

– Posso ajudar-te? – perguntou ele. – Sou Kirk Devon e conheço quase todos por aqui. Quem vieste ver?

– Webb Francis Muldoon – respondeu ela.

Kirk inclinou ligeiramente a cabeça e olhou para ela com intensidade.

– Webb Francis não está aqui.

Angelica engoliu em seco. Fantástico! Tinha percorrido centenas de quilómetros para ver um homem que

nem sequer estava ali. Sentiu-se invadida por uma grande insegurança.

– Quando regressará?

– Não sei com certeza. Talvez dentro de alguns dias. Possivelmente, mais tarde. O que queres de Webb Francis? – quis saber Kirk, aproximando-se dela.

Angelica quis dar um passo atrás. Aquele tal Kirk era alto, mas não era só a sua estatura que chamava a atenção. Tinha uma bonita cintura estreita, pernas longas e uns ombros largos que aparentavam grande força. Denotava uma masculinidade a que ela não estava habituada. Estava fascinada e... Embargada.

– Prefiro explicar ao senhor Muldoon, pessoalmente – respondeu, com frieza.

Nesse momento, a porta do velho autocarro fechou-se e começou a afastar-se pela rua.

Angelica observou-o enquanto se afastava e depois voltou a olhar para o homem.

– Parece que o teu meio de transporte se foi embora e te deixou aqui. Webb Francis está no hospital de Bryceville. Tem pneumonia – explicou Kirk.

– Está doente... – murmurou ela.

O professor Simmons assegurara-lhe que seria bem recebida por Webb Francis. Ninguém sabia nada da sua doença.

– É teu amigo? – perguntou Kirk Devon, analisando-a com o olhar.

– É amigo de... Um amigo – respondeu Angelica, guardando silêncio. Não devia confiar em ninguém. Olhou novamente para o autocarro e pensou onde seria Bryceville.

– Tens um lugar onde ficar? – quis saber Kirk.

Ela abanou a cabeça. Pensara que Webb Francis lhe recomendaria uma hospedaria. Sabia que o professor Simmons escrevera uma carta ao velho amigo, para lhe explicar toda a situação. Tinha-a na mochila. Devia entregá-la ao senhor Muldoon quando o conhecesse. Olhou à sua volta e endireitou-se. Tinha viajado pela Europa e vivia em Manhattan, por isso, pensou que poderia

sobreviver numa pequena vila do Kentucky.

– Há algum hotel aqui perto? – perguntou.

– Há uma casa de hóspedes, a de Sally Ann – respondeu ele. – Podes ficar lá esta noite e decidir o que fazer. Não me parece que Webb Francis vá regressar a casa dentro de uma semana. Vais ficar muito tempo?

Nesse momento, aproximou-se ainda mais dela, quase de maneira intimidativa. Tentou pegar na capa do violino para a ajudar, mas Angelica afastou-a bruscamente e chegou-se para trás.

– Consigo fazê-lo sozinha. Simplesmente, indique-me a direção que

devo seguir.

Sentiu-se uma grande tensão na atmosfera, nesse momento. Kirk olhou para ela com dureza, mas esboçou imediatamente um leve sorriso e relaxou. Aquele sorriso alterou-lhe os sentidos e ficou consciente de que ele parecia ser um tipo inofensivo que queria ajudar. Mas não se sentia tranquila. Kirk era muito sensual. Não conseguia superar a atração que sentia por ele, porque tinha um sorriso arrebatador.

Mas cair rendida perante o primeiro homem atraente que encontrasse no caminho, não entrava nos seus planos. Pôs a mochila ao ombro e olhou para ele

fixamente. Para além dela, ninguém tocava no seu valioso violino.

– Então, eu levo-te a mochila – disse Kirk, agarrando-a antes de Angelica conseguir evitar. – Não posso permitir que uma menina leve tantas coisas pesadas – acrescentou, virando-se e indicando-lhe que o seguisse.

Andaram debaixo de sol. Ela pensou que se soubesse que faria tanto calor no Kentucky no verão teria... Na verdade, não sabia o que teria feito. Olhou para o seu acompanhante e estranhou que não parecesse afetado pelas altas temperaturas. Se a velocidade a que andava era alguma indicação, não parecia estar consciente do calor... Enquanto ela estava a ficar com falta de

ar.

– Não disseste como te chamas? – perguntou ele, ao fim de alguns instantes.

– Angelica Cannon – respondeu, certa de que ninguém da zona teria ouvido o seu nome.

Enquanto olhava à sua volta, sentiu-se como se tivesse dado um salto no tempo. Naquela aldeia, não havia muito entretenimento, nem ação. Mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação curiosa de liberdade ao saber que as pessoas daquele lugar só chegariam a saber o que ela decidisse partilhar. Se quisesse, podia ser uma pessoa completamente anónima.

– Disse que Sally Ann tem uma casa

de hóspedes, não é verdade? – indagou, começando a sentir-se agradecida por Kirk lhe levar a mochila. Tinha tanto calor!

A berma por onde seguiam era muito estreita e estava muito suja.

– Sim. Faz os melhores crepes deste lado do Mississípi. Numa certa manhã que lhe digas que queres comê-los, ela vai pôr-te um monte no prato. Parece que precisas de uma boa comida caseira.

Angelica franziu o sobrolho. Perguntou a si mesma se aquilo fora um comentário mal-intencionado a respeito da sua aparência magra. Possivelmente, ele achava que as mulheres precisavam de ter mais curvas para serem atraentes.

Mas não devia importar-se. Kirk era um provinciano, não era artista, nem músico.

Saíra de viagem a meio da noite, porque não quisera enfrentar os pais. Eles tinham feito tanto por ela! Só queriam o melhor. Seria uma ingrata se os recriminasse. Não estava a virar as costas à sua vida. Gostava de música, era só porque... Precisava de descanso. Estava cansada.

Por muito que tentasse, os pais nunca a ouviam. Influenciavam-na sempre e diziam que sabiam o que era melhor para ela, que tinha quase vinte e cinco anos. Certamente, sabia o que lhe convinha, melhor do que eles.

Quando finalmente chegaram à casa de hóspedes, viu que se encontrava numa velha casa que a impressionava muito. Tinha um alpendre muito largo, águas-furtadas com persianas verdes e um jardim com relva maravilhosa. A moradia estava rodeada de arbustos e flores.

Kirk entrou no alpendre e bateu à porta mosquiteira da casa. Um momento depois, uma mulher apareceu no vestíbulo da entrada. Estava a secar as mãos num pano de cozinha.

– Kirk, que alegria ver-te! Aconteceu alguma coisa?

– Olá, Sally Ann! Trouxe-te uma hóspede.

– Estou a ver – disse a mulher, abrindo a porta mosquiteira e saindo para o alpendre. Olhou para Angelica com curiosidade. – Estavas à espera dela? – perguntou, inclinando ligeiramente a cabeça e sorrindo. Pôs o pano na parte de cima do avental.

Angelica abanou a cabeça.

– O senhor Devon disse-me que aceita hóspedes. Vim ver Webb Francis Muldoon, mas ao chegar, descobri que não está aqui.

– Não, o pobre homem está muito doente. Mae foi vê-lo hoje de manhã. Evelyn e Paul vão amanhã. Quando vais voltar a visitá-lo, Kirk?

– Talvez amanhã leve esta jovem para

o ver, se ela quiser – respondeu, olhando para Angelica.

Ela analisou-o com o olhar durante alguns segundos. O seu bom senso avisou-a de que devia manter-se afastada daquele homem. Mas a verdade era que se se oferecesse para a levar, não teria de voltar a entrar no autocarro...

– Pagarei a gasolina para a viagem até Bryceville – replicou, olhando fixamente para Kirk.

– Não vale a pena, eu iria de qualquer forma – respondeu ele, franzindo o sobrolho. – Irei por volta das dez. Vemo-nos na loja da estação de serviço – acrescentou, virando-se e esboçando um grande sorriso para Sally Ann. –

Cuida dela. Não está habituada ao Kentucky.

Depois, deu a mochila a Angelica.

Ela não podia questionar aquilo. Sentia-se como uma estranha, num planeta distante. Estava habituada ao asfalto, ao trânsito e a edifícios altos.

Antes de conseguir sequer agradecer ao seu guia resistente, apercebeu-se de que ele se virara e estava a afastar-se pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

– Obrigada – disse, em voz alta, para que pudesse ouvi-la.

Mas Kirk pareceu não reconhecer o seu agradecimento.

– Não consegue ouvir-te – explicou

Sally Ann, tratando-a por tu. – Entra. Tenho um quarto muito agradável na parte da frente da casa. À noite é fresco.

Angelica assentiu com a cabeça e seguiu a sua anfitriã para o interior da moradia.

Os tetos altos da casa faziam com que a temperatura dentro de casa fosse aceitável. Era um alívio poder esconder-se do sol. Ao subir para o andar de cima, por umas escadas que chiavam a cada passo que davam, pensou em quantos anos teria aquela edificação.

– Aqui está. O que te parece? – perguntou Sally Ann, quando entraram num quarto espaçoso, com janelas amplas.

– É muito agradável – respondeu Angelica, observando a divisão.

Era muito diferente do seu apartamento elegante de Manhattan, onde havia sofás de couro e obras de arte moderna nas paredes. Aquele quarto era quente e acolhedor. Gostava.

– O jantar é servido às seis. Se não quiseres comer aqui, há um bom restaurante na vila.

– Eu gostaria de jantar aqui – comentou Angelica, deixando a mochila no chão. Depois, apertou a capa do seu prezado violino contra o peito. Era a única coisa que lhe parecia ser familiar naquele momento.

Kirk regressou à vila. Decidiu telefonar a Webb Francis assim que tivesse um telefone à mão. Perguntou a si mesmo se ele conheceria Angelica Cannon. Quando o visitara no dia anterior, o homem não tinha parecido preocupado com nenhuma visita. Pensou no que uma moça de que ninguém tinha ouvido falar poderia ter em comum com Webb Francis... Para além do violino. Webb Francis era um excelente violinista. Nos festivais de música que se celebravam na zona, era bem conhecido pelo seu talento. Talvez Angelica fosse uma estudante.

Melvin e Paul ainda estavam sentados no alpendre da estação de serviço. Tinham-se juntado a eles alguns homens

da vila. Estavam à espera dele. Quando o viram, começaram a fazer perguntas a respeito da mulher que fora visitar Webb Francis.

— Não sei mais do que vocês já sabem. Mas amanhã, vou levá-la para o ver. Talvez descubra o que quer — explicou e, depois, conversou um pouco mais com os vizinhos.

Depois, foi para casa. Estava muito calor. No fim de julho, fazia sempre muito calor no Kentucky. Quando voltasse ao centro da vila, iria na sua motocicleta.

Quando finalmente chegou a casa, aproximou-se do telefone. Telefonou a Webb Francis.

– Estás à espera de uma tal Angelica Cannon? – perguntou, depois de verificar se o amigo estava melhor.

– Quem?

– Uma mulher que tem um violino, uma mochila, usa calças de ganga e é muito reservada.

– Não a conheço. Segundo me lembro, ninguém vinha visitar-me.

– Ela diz que esperava ver-te. Suponho que vai tentar convencer-te a dar-lhe aulas.

Webb Francis começou a tossir. Fê-lo durante um bom bocado.

– Não vou dar aulas. Diz-lhe para se ir embora.

– Amanhã, vou levá-la para te

conhecer.

– Não me apetece falar com uma estudante. Os médicos nem sequer conseguem dizer-me quando poderei ir para casa.

– Calma! Veremos como te sentes amanhã. Ela vai passar esta noite na casa de hóspedes de Sally Ann. Se não te apetece recebê-la, pode voltar quando recuperares. Precisas de alguma coisa?

Webb Francis voltou a tossir.

– Não, estou bem. Será agradável ver-te, Kirk, embora não saiba se quero vê-la.

– Não te angusties. Eu vou tratar de tudo.

– É o que fazes sempre. Foi muito bom, para o teu avô e para mim, que

tenhas regressado a casa!

Kirk olhou pela janela, para as árvores que rodeavam a sua moradia. Pensou que o seu regresso tivera coisas boas e más. Se não tivesse voltado para casa, poderia acreditar que Alice estava à espera dele.

– Amanhã falamos – disse, antes de desligar.

Manter-se ocupado ajudava-o a afastar as lembranças da sua mente. Levantou-se e dirigiu-se para a oficina que havia atrás da casa. Naquela tarde, poderia trabalhar bastante. E também de noite. E talvez pudesse pensar um pouco em como a estranha parecia triste, perdida e levemente assustada. Era um

enigma. Normalmente, não apareciam muitos estranhos em Smoky Hollow. As calças de ganga e a t-shirt que aquela tal Angelica usava, eram roupa que poderia usar qualquer pessoa, mas as suas feições de porcelana e os seus grandes olhos azuis refletiam algo diferente. Tinha pele branca, maravilhosa, e um bonito cabelo loiro, muito liso e brilhante. Usava-o numa trança e pensou no aspeto que teria solto, à volta da sua cara delicada...

Abanou a cabeça. Não devia interessar-se por ninguém. Sabia perfeitamente que qualquer que fosse a sua história, aquela jovem não ficaria muito tempo em Smoky Hollow. E ele já tivera problemas suficientes com as

mulheres, no passado. Sempre lhe faltara alguma coisa. Embora já não pensasse nisso. Gostava da sua vida tal como era naquele momento. Não tinha complicações, nem problemas.

Mas era um pouco solitária...

Afastou aquele pensamento da sua mente, assim que entrou na oficina. Construía aquela casa e a oficina. Fizera muitos projetos de arquitetura durante anos, que lhe tinham dado a capacidade para o fazer. Por fora, ambos os edificios pareciam ser meras cabanas de madeira, mas por dentro, usara uma carpintaria excelente para dar à moradia um aspeto bonito e criar um espaço confortável. A oficina era outro

assunto, porque quisera criar um lugar completamente prático, onde podia trabalhar.

Acendeu a luz, embora pelas grandes janelas da divisão entrasse muita luz natural. No centro da sala, encontrava-se a peça de madeira esculpida em que estava a trabalhar. Media um metro e meio. Representava uma mãe com um bebé ao colo e uma criança perto de um joelho. Criava a ilusão da maternidade, sem especificar feições, nem idade.

Já quase acabara a obra. Deu a volta à escultura, para a analisar de todos os ângulos. Faltava acabar a última fase. Poli-la até ser tão suave como o vidro e aplicar a camada de cera que faria surgir o brilho natural da madeira. Tinha

de dar vida à escultura. Pegou na primeira folha de lixa e começou a lixar a parte de trás da peça.

Absorto no trabalho, só se apercebeu do tempo que passara quando sentiu fome. Olhou para o relógio e surpreendeu-se ao ver que já passava da meia-noite. Não comia nada desde o meio-dia. Chegara o momento de descansar. Deitou fora a folha de lixa que estava a usar e observou a escultura. Sentiu-se satisfeito. Sabia que Bianca queria tê-la na sua galeria de arte. No dia seguinte, tiraria algumas fotografias para lhe enviar. Assim que combinassem um preço, enviar-lhe-ia a obra.

Capítulo 2

Na manhã seguinte, Angelica chegou à loja uns minutos antes das dez. Os dois senhores que vira no dia anterior estavam sentados no mesmo lugar.

– Bom dia! – disse um deles.

– Bom dia, menina! – repetiu o outro.

Ela cumprimentou-os e concentrou a sua atenção na estrada. Não sabia de onde vinha Kirk, mas talvez viesse pela direção oposta à casa de hóspedes, porque no dia anterior, ao deixá-la ali, tinha regressado à bomba de gasolina.

– Está um dia agradável – comentou um dos idosos.

– Lindo – concordou Angelica, parando um momento para realmente apreciar a manhã. Estava calor, mas não tanto como no dia anterior. Ao ouvir os pássaros a cantar nos ramos das árvores, tentou recordar a última vez que estivera consciente do canto de um pássaro. Mal abria as janelas do seu apartamento nova-iorquino mas, quando o fazia, o que ouvia era o ruído do trânsito. A casa dos pais, em Boston, tinha olmos enormes no jardim, mas não se recordava de ter ouvido um pássaro a cantar. Era muito estranho. Pensou que estava muito alheia a tudo aquilo que a

rodeava.

Repentinamente, ouviu um ruído forte à sua esquerda e olhou nessa direção. Viu que uma motocicleta se aproximava da loja e parava à frente do alpendre. O condutor tirou o capacete e sorriu.

– Preparada para ir para Bryceville?
– perguntou Kirk.

Ela ficou a olhar para a grande motocicleta preta. Sentiu um misto de medo e fascínio.

– Nisso? – respondeu, quase gritando.
Nunca andara numa motocicleta!

– Tenho um capacete para ti – comentou ele, tirando-o da parte traseira da motocicleta e oferecendo-o a Angelica.

Ela ficou a olhar para o capacete

durante vários segundos e depois fixou o olhar nos olhos de Kirk, que parecia estar a desafiá-la. Nenhum deles falou. Então, quase de maneira fatalista, saiu do alpendre. Chegara a um mundo diferente. Procurara algo diferente e encontrara-o... Por completo.

Depois de hesitar mais um momento, pegou no capacete e enfiou-o. E, seguindo as instruções dele, sentou-se na motocicleta potente. Já sentada, sentiu a vibração do motor debaixo dela... E o calor de Kirk à sua frente.

– Espera – pediu ele, pondo também o capacete.

Em seguida, virou-se para trás, segurou nos braços dela e pô-los à volta

da sua cintura.

Colada às costas de Kirk, Angelica sentiu cada movimento muscular dele, enquanto tirava a motocicleta da estação de serviço. Pareceu-lhe ser uma situação muito íntima.

Ele despediu-se com a mão dos dois senhores mais velhos e, em poucos segundos, afastaram-se pela estrada estreita.

Susteve a respiração e fechou os olhos, completamente atemorizada. Agarrou-se com mais força ao corpo de Kirk. O seu estômago e músculos pareciam puro aço, assim como as suas costas. Depois de suster a respiração novamente, atreveu-se a abrir os olhos. E então, apoiou-se nas costas largas

dele. Devagar, levantou a cabeça e olhou por cima do ombro dele.

Pouco a pouco, o medo começou a transformar-se em júbilo. Kirk parecia saber exatamente o que fazia. Era um condutor perito de motocicleta. Embora não se atrevesse a relaxar os braços, pôde respirar novamente com normalidade e começou a saborear a sensação de sentir o vento na cara.

Sentiu muita curiosidade em saber se ele era casado e se sempre vivera em Smoky Hollow. Pensou no que ele se dedicaria para ganhar a vida.

Ela podia considerar-se desempregada. O seu último contrato acabara e ainda tinha de assinar o novo,

que a esperava no escritório do seu representante. Mas tinha poupanças suficientes para viver. Provavelmente, regressaria a Nova Iorque. Não sabia fazer outra coisa senão tocar violino. De qualquer forma, esperava conhecer-se melhor e ser capaz de suportar a pressão que os outros exerciam nela. Aquela viagem significava as primeiras férias que tirava. Tinha ido diretamente do conservatório para a Orquestra Filarmónica.

Precisava daquele período de descanso e da nova direção na sua vida.

Mas aquele dia era muito maravilhoso para ter de considerar o futuro.

Depois de ter estado virtualmente colada às costas de Kirk durante quase

trinta minutos, não queria mexer-se quando chegaram ao hospital.

Ele ficou sentado durante uns segundos depois de parar a motocicleta.

– Agora já podes soltar-me. É seguro – informou.

Completamente envergonhada, Angelica retirou os braços e saiu da motocicleta sem ajuda... E quase caiu no chão. Kirk saiu também e agarrou-a pela cintura quando ela ainda estava a tentar mexer as pernas. Com o coração acelerado, Angelica chegou-se para trás e tirou o capacete. Tocou no cabelo para verificar como estava. Parecia estar bem penteado. Tinha feito uma trança.

Ele segurou nos capacetes, pô-los na

motocicleta e depois começou a dirigir-se para a entrada do hospital.

– Ficarão seguros se os deixarmos aqui? – perguntou ela, virando-se para olhar para a motocicleta.

– Claro – respondeu Kirk, encolhendo os ombros.

Quando entraram no hospital, guiou Angelica para o elevador e subiram para o terceiro andar. Ela obrigou-se a olhar em frente, para evitar pousar os olhos nele. Desejou que Kirk não percebesse como se sentia tensa. Não podia evitar estar consciente da masculinidade daquele homem...

Talvez Webb Francis recuperasse depressa e pudesse ajudá-la. Se não, não sabia o que iria fazer. Não queria

regressar a casa sem ter conseguido atingir o seu objetivo.

Quando chegaram ao quarto do senhor Muldoon, Kirk bateu à porta e entrou. Angelica foi atrás dele e viu um homem recostado numa cama. Tinha cabelo grisalho, penteado para trás, e estava muito pálido. Ao ver Kirk, sorriu e, ao olhar para ela, pareceu sentir uma certa curiosidade.

– Vejo que a trouxeste contigo – disse o amigo.

Kirk estendeu-lhe a mão e abraçou levemente o doente. Depois, virou-se para ela.

– Angelica Cannon, este é Webb Francis Muldoon.

– Olá, senhor Muldoon. Lamento que esteja doente. O professor Simmons sugeriu que eu viesse vê-lo – comentou, entregando-lhe a carta que o professor tinha escrito. – Espero que isto explique bem a situação.

Webb Francis pegou na carta. Leu-a e olhou para Angelica.

– Menina Cannon, honra-me que tenha vindo aprender comigo. Talvez eu possa aprender também consigo.

– Por favor, chame-me Angelica. Ultimamente, ando um pouco perdida e desejo uma mudança. A minha aula favorita no conservatório era a de música folclórica. Eu adoraria ouvi-la em direto, tentar aprendê-la e talvez até

escrevê-la para as gerações futuras.

Nesse momento, recordou a rejeição drástica dos pais em deixá-la aprender música folclórica.

– Ah... Bom projeto, embora já tenham escrito a maioria. Mas, certamente, poderíamos encontrar algumas canções que ainda não foram guardadas para a posteridade, não é, Kirk?

– Se tu o dizes. Parece que tocam sempre as mesmas. O que é que o médico disse? – quis saber Kirk, olhando fixamente para o amigo.

Enquanto o homem respondia, Angelica observou a interação. Kirk parecia ter a habilidade de concentrar toda a sua atenção na pessoa que falava.

Não permitia que nada o distraísse. Aquela qualidade era muito atraente.

– Disse que não me darão alta até os meus níveis de oxigénio no sangue estabilizarem. E, quando for para casa, precisarei de assistência domiciliária durante algum tempo. Mas eu cuido de mim há muito tempo – respondeu Webb Francis.

– Claro, mas de vez em quando, todos precisamos que nos deem uma ajuda. Não haverá problema – disse Kirk. – Simplesmente, diz-me quando tenho de vir buscar-te.

– Ainda faltam alguns dias – respondeu o doente, pondo a carta que Angelica lhe tinha dado entre os lençóis.

E analisou-a com o olhar. – Angelica, podias ficar em minha casa até eu regressar. Assim, pouparás o dinheiro da casa de hóspedes de Sally Ann. Tenho alguns quartos vazios. Escolhe o que quiseses. Quando recuperar, poderemos falar do que posso fazer por ti.

Ela olhou para Kirk. O que pensaria sobre o facto de o amigo oferecer a sua casa a uma completa estranha. A julgar pela maneira como franziu o sobrolho, obviamente, não lhe parecia ser muito boa ideia.

– Quando voltar para casa, talvez eu possa ajudá-lo – disse a Webb Francis.

– Logo veremos – respondeu o violinista, olhando para Kirk e depois

para Angelica. – Mostra-lhe os arredores por mim, pode ser, Kirk? E apresenta-a a Dottie e a Tommy. Eles conhecem muitas das canções antigas. Tommy toca saltério. E Gina, que será de grande ajuda.

Kirk hesitou um momento. Depois, encolheu os ombros e assentiu com a cabeça.

– Vieram na motocicleta de Kirk? – perguntou Webb Francis a Angelica.

Ela assentiu com a cabeça.

– Foi a primeira vez que andei numa – confessou.

– É a melhor maneira de ver o Kentucky – comentou Kirk.

– Cuida da minha convidada até eu

regressar – pediu Webb Francis ao amigo. – Mostra-lhe os arredores. Assegura-te de que tem tudo aquilo de que precisa.

– Entendido. Assegurar-me-ei de que recebe um tratamento excelente – respondeu Kirk, olhando para ela.

Angelica sentiu como cada célula do seu corpo se alterava. Não sabia se gostava da ideia. Preferia não passar muito tempo na companhia daquele homem perturbador porque, se o fizesse, não ia conseguir fazer nada. Nunca sentira uma atração tão forte. A maioria dos seus encontros tinha sido com homens que estavam mais interessados em ser vistos com uma potencial estrela da música clássica, do que em manter

uma relação pessoal. Embora, na verdade, não saísse com homens muito frequentemente. A sua carreira ocupava grande parte da sua vida.

Kirk e Webb Francis estiveram a falar durante mais alguns minutos. Ela chegou-se para atrás e observou-os.

– E o que aconteceu ao festival de música? – perguntou Webb Francis.

– Tudo se verá – disse Kirk.

– Que festival de música? – perguntou Angelica, interessada.

– No último fim de semana de agosto, celebramos um festival de música importante, com gente que vem de todos os cantos deste Estado. Jogamos, dançamos e cantamos. É um evento que

merece a pena ser visto – explicou Webb Francis. – Suponho que antes do festival haverá algumas celebrações improvisadas. Uma espécie de ensaios. Normalmente, acontecem durante o verão. Kirk, verifica o que podemos fazer. Angelica poderá tocar para nós.

Kirk assentiu com a cabeça e olhou para ela.

– Tocas esse instrumento que tens contigo?

– É um violino. É muito antigo e valioso – esclareceu Angelica, com uma certa aspereza.

– Tenho algumas partituras na sala que há junto ao salão. Encontra algo que ela possa tocar no festival – sugeriu Webb Francis.

Ela assentiu com a cabeça. Estava incomodada, porque parecia que Kirk se divertia com a defesa que fizera do seu violino. Mas, naquele canto do Kentucky, não podia esperar a mesma veneração que lhe dedicavam em Nova Iorque.

Pouco depois, Kirk sugeriu que se fossem embora. Angelica apercebeu-se de que Webb Francis parecia estar cansado. Interrogou-se se realmente lhe dariam alta dentro de dias.

Enquanto saíam do hospital, várias pessoas cumprimentaram Kirk, a maioria mulheres. Não podia culpá-las. Ele tinha melhor aspeto naquela manhã do que no dia anterior. As calças de

ganga que usava ficavam-lhe estupendamente bem e a camisa marcava o físico perfeito. Quando cumprimentava as pessoas, esboçava um sorriso que conseguia alterar-lhe o sangue nas veias...

– Precisas de comprar alguma coisa antes de voltar a Smoky Hollow? – perguntou ele, quando se aproximaram da motocicleta.

– E como o levaria? – quis saber ela.

– Conseguiríamos – respondeu, olhando para ela com grande intensidade.

Atordoada, Angelica sentiu que aqueles olhos escuros conseguiam tocar-lhe na alma.

– Prefiro esperar até chegar a Smoky

Hollow. Se vou ficar em casa de Webb Francis, precisarei de comida e de outras coisas. A loja da bomba venderá tudo aquilo de que preciso, não é?

– Quase tudo. Pararemos para comer antes de voltar para casa, pode ser?

Ela assentiu com a cabeça, interessada em conhecer Bryceville.

Quando, a meio da tarde, chegaram a Smoky Hollow, Angelica estava embargada com novas sensações e ideias, embora não tivesse descoberto muito a respeito do seu guia. Kirk mostrara-lhe os lugares de interesse de Bryceville e tinham almoçado numa pequena cafetaria. A viagem de regresso

a Smoky Hollow fora quente e, quando ele parara finalmente a motocicleta à frente da loja, sentira-se atordoada.

– Compra o que precisares. Eu volto dentro de minutos e iremos buscar as tuas coisas à casa de hóspedes de Sally Ann. Depois, levo-te a casa de Webb Francis – disse Kirk, quando ela saiu da motocicleta.

– Nisto? – perguntou Angelica, depois de tirar o capacete e lho dar.

– Tenho uma carrinha.

Ela interrogou-se porque não teria usado a carrinha para ir a Bryceville.

– Obrigada, agradeço. Esta é uma vila tão pequena que, certamente, depois de me instalar, poderei ir a pé para todo o lado.

— Certamente — respondeu ele, afastando-se.

Os dois senhores que pareciam estar permanentemente sentados no alpendre da loja, perguntaram a Angelica se gostara de Bryceville.

— Muito — respondeu, enquanto passava ao lado deles para entrar na loja.

Tinha ouvido dizer que as pessoas das vilas pequenas conheciam a vida dos vizinhos na perfeição, o que era uma novidade. Ela nem sequer conhecia todos os vizinhos do seu andar, no bloco de apartamentos nova-iorquino em que vivia... Há três anos.

Ao entrar na loja, fascinou-a a antiga

construção em que se encontrava. As prateleiras continham tudo aquilo de que precisava... Simplesmente, não em grandes quantidades.

Bella Smith era a lojista. Era tão amável como Angelica esperava. Antes sequer de ter enchido metade do carrinho das compras, a mulher conseguiu fazer com que lhe confiasse os seus planos de ficar em casa de Webb Francis e o facto de Kirk estar a ajudá-la.

– Ajuda toda a gente. Não se parece em nada com o avô – comentou Bella.

– O avô vive aqui? – perguntou Angelica, curiosa sobre o seu guia enigmático.

– Certamente. Vive em Doe Lane. É

um miserável. Foi ele que criou Kirk. Sempre me surpreendeu que o rapaz seja tão boa pessoa.

Angelica pestanejou ao ouvir aquele comentário. Kirk não era um «rapaz», era um homem...

Depois de escolher comida suficiente para alguns dias, aproximou-se da caixa.

– Como está Webb Francis? – quis saber Bella, enquanto somava os produtos.

– Pareceu-me que estava muito fraco e cansado. Mas espera regressar a casa dentro de pouco tempo.

– É fantástico que Kirk vá vê-lo. Bom, já está tudo. Se precisares de mais alguma coisa, diz.

– Obrigada – agradeceu Angelica, olhando para os quatro sacos de compras.

– Pronta? – perguntou Kirk, entrando na loja. Não podia ter chegado em melhor momento.

Ela assentiu com a cabeça e respirou fundo.

– Vieste na tua carrinha? – perguntou.

– Sim – respondeu ele, pegando em dois dos sacos como se não pesassem nada.

Angelica pegou no terceiro e Bella pegou no quarto. Quando saíram, Angelica viu uma grande carrinha estacionada à frente da loja. Kirk pôs os sacos atrás do banco do passageiro.

Depois, pegou nos sacos delas para os pôr no mesmo lugar.

– Vamos – pediu, depois de se despedir de Bella.

– Se tens este veículo, porque fomos de motocicleta hoje de manhã? – quis saber Angelica, depois de se sentar no banco do passageiro.

Kirk pôs a carrinha a trabalhar e ligou o ar condicionado.

– Isto é prático e a motocicleta é divertida.

Ela não se recordava de quando fora a última vez que fizera algo por diversão. Tinha de mudar um pouco. Adorava a música, mas todas as horas de prática exigidas mantinham-na muito absorta na sua carreira. Nem sequer

tinha uma relação estável com um homem.

Ao chegar a casa de Sally Ann, apressaram-se a pegar nos poucos pertences que levara consigo. Depois, voltaram a entrar na carrinha e dirigiram-se para uma rua tranquila que havia a leste da vila.

– A casa de Webb Francis é muito longe do centro da vila? – perguntou.

Kirk não respondeu. Olhou para ele e viu que estava a observar a estrada.

Ao perceber que estava a olhar para ele, olhou para ela.

– A casa de Webb Francis é muito longe do centro da vila? – voltou a perguntar Angelica, mais alto.

– Se é muito longe? O que achas? – perguntou finalmente Kirk, introduzindo a carrinha na entrada para veículos de uma casinha encantadora.

A moradia branca, com janelas azuis, parecia uma casa de bonecas. No jardim da frente, havia muitas árvores e uma roseira.

– Posso ir a pé, facilmente – comentou ela.

– Acomoda-te que eu depois irei mostrar-te os arredores.

– Não tens de te incomodar – respondeu Angelica, com frieza, pensando que estava bem claro que ele só estava a fazer tudo aquilo como um favor ao amigo.

– Webb Francis pediu-me para te ajudar – lembrou Kirk, saindo da carrinha depois de estacionar. Pôs a mochila dela ao ombro.

Angelica apressou-se a sair do veículo e a pegar na capa do seu violino antes de ele conseguir agarrar-lhe. Pegou também num dos sacos das compras e aproximou-se da porta principal da moradia. Kirk chegou um minuto depois, com mais dois sacos nas mãos.

– Abre, a porta não está fechada à chave.

– Incrível – comentou, impressionada ao abrir a porta. Entrou num salão confortável.

– Vem por aqui – disse ele, passando ao lado dela, ao dirigir-se para a cozinha.

Angelica gostou do facto de a casa ser tão espaçosa. Vista de fora, parecia ser muito pequena, mas facilmente podia ter o triplo do tamanho do seu apartamento de Nova Iorque. Deixou o saco das compras na mesa rústica da cozinha e olhou à sua volta. Kirk voltou a sair para tirar da carrinha os sacos restantes.

– Os quartos de hóspedes são à direita do corredor – explicou ao regressar. – A casa de banho é um pouco mais à frente. Talvez precises de lençóis. Certamente, estão no armário da entrada. O quarto de Webb Francis é ao

fundo da moradia. Precisas de mais alguma coisa?

– Não, eu estou bem. Obrigada.

– Queres ir à vila hoje ou preferes esperar até manhã? – perguntou, olhando-a nos olhos.

– É melhor amanhã. Esta tarde, quero descansar – respondeu ela. Susteve a respiração até Kirk assentir com a cabeça e se virar.

– Se precisares de alguma coisa, grita – disse ele. – Vivo aqui ao lado.

– Aqui ao lado? – repetiu Angelica.

– Representa algum problema para ti?

– Claro que não – respondeu, porque a última coisa que queria era que Kirk Devon soubesse como a afetava.

– Então, vemo-nos amanhã, às dez.

Angelica acompanhou-o à porta e observou como saía com a carrinha da entrada para veículos da moradia, para entrar na propriedade ao lado.

Suspirou levemente e regressou à cozinha para guardar os artigos que comprara. Depois, decidiu dar uma volta pela casa que ia ocupar durante os dias seguintes, para se familiarizar com cada divisão. Quando chegou à pequena sala que Webb Francis tinha mencionado, viu que estava cheia de prateleiras em que havia o que parecia ser uma quantidade enorme de partituras. Também havia harmónicas, dois violinos, um banjo e um saltério.

Pegou em algumas das partituras e reconheceu algumas canções. Pela primeira vez, desde há muito tempo, sentiu emoção perante a ideia de tocar violino...

Capítulo 3

Muito cedo, de manhã, Kirk sentou-se na motocicleta e foi ver o avô. Ia sempre, duas ou três vezes por semana, para verificar como ele estava.

Quando chegou à quinta, foi recebido pelo velho cão sabujo de Hiram Devon. Pouco depois, ele também saiu para o receber.

– Vieste tomar o pequeno-almoço? – perguntou o avô, com brutalidade.

– Se fizeste alguma coisa, tomarei o pequeno-almoço – respondeu Kirk,

tirando o capacete.

O avô e ele nunca se abraçavam, nem apertavam a mão, mas sentia um amor imenso pelo idoso.

– Entra – disse Hiram. – O café está pronto e podes fazer bolachas. Fizeram o pequeno-almoço, tal como tinham feito muitas manhãs enquanto Kirk tinha crescido. A mãe abandonara-os quando ele tinha mais ou menos dois anos e a avó fora-se embora há muito tempo, por isso, depois da morte do pai só tinham ficado o avô e ele.

– Ontem, fui visitar Webb Francis – comentou, depois de pôr as bolachas no forno.

– Está melhor?

– Parece que sim, embora tenha muito

mau aspeto. Diz que vai regressar em breve a casa, mas eu penso que não.

– Estás a vigiar-lhe a moradia?

– Sim. Mas há alguém que vai ficar na casa dele durante uns dias. Uma mulher de Nova Iorque.

– O que está a fazer aqui?

– Veio para aprender algumas das nossas canções... Para a posteridade.

– Não me parece que tenha de aprender nada. As canções sempre passarão de pais para filhos. É bonita... A mulher?

– Está muito magra e tem um olhar cansado. Em certas ocasiões, parece ser muito ativa e outras vezes parece sentir-se assustada com a sua própria

sombra.

– Não ficará durante muito tempo, pois não?

– Nunca ficam, não é? – replicou Kirk, pensando na história da sua família.

– O melhor do meu casamento foi o teu pai e do casamento do teu pai foste tu – comentou o avô.

Kirk assentiu com a cabeça. Perguntava-se se alguma vez encontraria uma mulher com quem constituiria uma família. No passado, pensara que Alice e ele casariam, mas ela fora para Atlanta, onde encontrara um advogado rico. Mas, depois de ter cumprido o seu sonho de ver o mundo, tudo o que quisera fora viver em Smoky Hollow.

– Tu devias casar e ter filhos. Não me importaria de ter um bisneto – disse Hiram, com aspereza.

– Pensava que acreditavas que os homens estão melhor sem mulheres – respondeu Kirk, surpreendido.

– Não podes ter um bebé sozinho – respondeu o avô.

Durante um momento, Kirk pensou na mulher de Nova Iorque. Há muito tempo que ninguém lhe chamara a atenção. Pensou em como seria beijá-la, ver os olhos dela a brilhar de paixão e desejo...

Mas aquilo era uma tolice. Alice era de Smoky Hollow e, assim que tivera uma oportunidade, fora-se embora. Nenhuma mulher da cidade ficaria por

ali mais tempo do que umas simples férias de verão. E não queria mudar-se para Nova Iorque.

Depois de tomar o pequeno-almoço, ajudou o avô nas tarefas da quinta. Pensou que talvez tivesse chegado o momento de Hiram contratar alguém como empregado. Já tinha mais de setenta anos.

Não gostava da vida da quinta e há muito tempo que deixara bem claro ao avô que não ia ocupar-se da propriedade. O que adorava era a arquitetura e a escultura. Nos últimos anos, dedicara-se sobretudo à escultura.

— Talvez esta semana vá a Bryceville e visite Webb Francis — comentou Hiram, enquanto Kirk se preparava para

se ir embora e encontrar-se com Angelica.

– Vai ficar contente. Diz-lhe que estou a mostrar a vila à rapariga.

– Trá-la aqui, um dia destes.

Kirk abanou a cabeça.

– Vai tu à vila. Não vais lá há semanas. Vai fazer-te bem.

– Estou muito ocupado.

– Leva isto com calma, avô. Voltarei dentro de alguns dias – assegurou Kirk.

Voltou para casa e estacionou a motocicleta antes de se dirigir para casa do vizinho. Quando bateu à porta, surpreendeu-se que Angelica a abrisse imediatamente. Verificou as horas no seu relógio de pulso e viu que não

chegava tarde, porque nem sequer eram dez horas. Ela saiu para o alpendre e fechou a porta da moradia. Ele sentiu o perfume floral que pusera e observou como o cabelo loiro brilhava com intensidade sob o sol da manhã.

– O que foi? – perguntou, quando Angelica olhou para ele.

– Vamos? Ou vamos ficar aqui de pé, durante o resto do dia?

– Vamos. Tens tudo o que necessitas?
– perguntou ele, pensando que, na verdade, não se importaria de ficar ali a olhar para ela. Era linda.

Ela pegou na mala, deu a volta e saiu do alpendre.

Enquanto andavam pelo jardim, Kirk pensou que ia ter de cortar a relva do

vizinho, porque estava em muito mau estado. Angelica disse algo. Olhou para ela.

– Desculpa?

– O quê?

– O que disseste, podes repetir?

– Perguntei quanto tempo vamos demorar a chegar onde vamos e porque não usamos a tua carrinha.

– Pensava que os nova-iorquinos andavam sempre a pé – disse ele, ignorando a primeira pergunta.

– Eu, normalmente, apanho táxis.

– Que preguiçosa! – brincou Kirk.

– Talvez... Mas não quero andar a pé numa rua concorrida, com o meu violino. Alguém poderia danificá-lo.

– Não o levas para todo o lado, pois não?

– Tenho-o quase sempre comigo.

– És famosa ou algo parecido?

Ela abanou a cabeça.

– Porque pensas isso?

– Webb Francis pareceu ficar muito impressionado ao conhecer-te... Disse que poderia aprender contigo... Quando ele é o melhor violinista da zona.

– Estou a ver – murmurou Angelica.

– O que disseste?

Ela deixou de andar e olhou para ele de frente.

– Estou a ver – disse.

– Sou surdo de um ouvido e no outro tenho perda parcial de audição.

– Não sabia, lamento – respondeu Angelica, quase a gritar.

Kirk aproximou-se dela e respirou a fragrância doce.

– Quando estou a olhar para a pessoa que fala, consigo ouvir a maioria das palavras que diz. Não grites.

Angelica olhou-o fixamente nos olhos e ele sentiu um nó no estômago. O azul do olhar dela era muito intenso. Aproximou-se ainda mais dela... Até os seus lábios quase se tocarem.

– Onde vamos? – perguntou Angelica, chegando-se para trás.

– Primeiro, à biblioteca. Mary Margaret McBride tem CD de alguns festivais de música. Vou apresentar-ta e

poderás vê-los para decidir com quem queres falar. Depois, se conseguir encontrá-los, irei apresentar-te Dottie e Paul. São membros do grupo em que Webb Francis toca. E, um destes dias, encontraremos Gina. Está a coordenar o festival sozinha, porque Webb Francis não pode fazer nada.

Enquanto andavam, Angelica pensou como Kirk teria perdido parcialmente a audição, o que lhe teria acontecido ou se nascera com aquela deficiência.

– Trabalhas? – quis saber. Nesse momento, chegaram ao centro da vila.

– Sim.

– Não o fizeste nos últimos três dias.

– Tu também não – respondeu ele.

– Também estás de férias?

– Estas são as tuas férias?

– Mais ou menos – respondeu ela, porque já não sabia o que queria. A música que tanto adorara transformara-se numa obrigação, devido à constante pressão a que se via submetida.

O centro da vila era muito pequeno e parecia deserto. Realmente, era outro mundo.

– Onde estão as pessoas?

– Suponho que a maioria está a trabalhar – respondeu Kirk.

– O que fazes para ganhar a vida?

– Construo. E faço esculturas. O que aparecer. A biblioteca é aqui – disse ele, abrindo a porta do edifício.

Lá dentro, estava uma temperatura

muito fresca, coisa que Angelica agradeceu enormemente.

Uma mulher gordinha, com um sorriso encantador, olhou para eles da receção.

– Bom dia!

Angelica sorriu involuntariamente. A alegria da mulher era quase contagiante.

– Mary Margaret, gostaria que conhecesses Angelica Cannon – apresentou Kirk. – Vai viver em casa de Webb Francis, até ele voltar do hospital. Toca violino e quer estudar parte da nossa música folclórica.

– Bem-vinda a Smoky Hollow – respondeu Mary. – Como está Webb Francis?

– Está a melhorar, pouco a pouco – respondeu Kirk. – Angelica é de Nova

Iorque.

– Disseram-me que tens CD de alguns dos festivais que se celebraram na zona. Eu gostaria de poder ouvi-los – explicou Angelica.

– Temos uma sala de audições, com um leitor de DVD e vários CD. Embora também possas escolher os que quiseses e levá-los para casa. Sei que Webb Francis tem um leitor de DVD.

– Obrigada, mas só estou aqui de visita.

– Bom, como Webb Francis e Kirk respondem por ti, suponho que podemos dar-te um cartão de sócia, temporário. Queres ir ver os CD agora?

– Voltaremos quando estivermos de

regresso a casa – replicou Kirk. – Escolhe alguns por ela, por favor, Mary Margaret. Quer ouvir muita música.

– Bom, veio ao lugar certo – respondeu a mulher, rindo-se. – Vem quando quiseres.

Angelica assentiu com a cabeça e seguiu Kirk para fora do estabelecimento.

– Não há um horário fixo? – perguntou, assim que a porta se fechou atrás deles.

– Ela está aqui a maioria do tempo. E, quando não está, as pessoas simplesmente entram e tiram o que querem. Deixam-lhe uma nota, a informar quais os livros que levaram – explicou, virando numa esquina. Estava

a andar muito depressa.

– Temos pressa? – perguntou Angelica, sustendo a respiração. Teve de parar.

Kirk parou e olhou para ela.

– Quero mostrar-te a vila, tal como Webb Francis me pediu. Depois, ficarás sozinha.

– Posso fazê-lo sozinha neste momentos. Não tens de te preocupar mais comigo.

– Ainda tenho de o fazer. Disse que te mostraria a vila e vou fazê-lo.

– Absolvo-te de todas as tuas obrigações. Não quero ser um fardo.

– Disse que o faria.

Quando Kirk começou a andar

novamente, ela não se mexeu. Ele virou-se e esperou.

– Posso ir à biblioteca e ouvir alguns CD, posso falar com Mary Margaret e descobrir mais informação sobre o festival, e saber onde posso encontrar mais música. Não preciso de um guia.

– Vamos, não tenho o dia todo – disse Kirk, aproximando-se para a agarrar pelo braço.

Perante aquele contacto, Angelica sentiu-se como se lhe queimasse o braço e chegou-se para trás.

– Está muito calor – comentou, para tentar dissimular a sua reação.

Impressionou-a muito o efeito que tinha sobre ela. Era uma mulher adulta, que não devia agitar-se com um gesto

tão impessoal. Mas a verdade era que se sentia muito atraída por Kirk.

Sem se mexerem, ficaram a olhar um para o outro.

Ela não sabia porque lhe parecia tão atraente. Tinha vestido calças de ganga e a camisa estava arregaçada, um grande contraste com os homens de negócios bem-sucedidos a que estava habituada. Certamente, nem sequer tinha um fato. Mas cada vez que estava ao lado dele, sentia-se mais atraída por aquele homem de Kentucky. Queria acariciar-lhe o pescoço, sentir o calor da sua pele sobre a dela, ouvi-lo a rir e saber de que gostava.

— Vens ou não? — perguntou Kirk,

finalmente.

– Suponho que sim. Mas não tens de me apresentar às pessoas da vila. Posso fazê-lo sozinha.

– Numa vila pequena, é melhor que haja alguém que responda por ti – assegurou ele, virando-se. E continuou a andar.

Ao fim de alguns segundos, Angelica seguiu-o. Quanto mais depressa acabasse com tudo aquilo, mais depressa estaria a sós...

Quando acabaram de almoçar, Kirk acompanhou-a a casa. Apresentara-lhe meia dúzia de pessoas, incluindo Dottie Ferguson e Paul Cantwell. Todas as pessoas que conhecera tinham sido muito amáveis e serviçais. Anotara

nomes, números de telefone e moradas, para obter mais informações a respeito da música folclórica da região.

Ao chegar a casa de Webb Francis, pensou que era difícil compreender Kirk. Ele cumprira o seu compromisso, até a convidara para almoçar, ficara livre de qualquer obrigação, mas pegou no pequeno bloco de notas que ela ainda tinha na mão e anotou o seu número de telefone.

– Embora viva aqui ao lado, às vezes, é mais fácil telefonar. Liga, se precisares de alguma coisa.

– Consigo sobreviver sozinha – respondeu Angelica, desejando poder habituar-se ao olhar intenso dele. A

reação que lhe causava ameaçava o seu equilíbrio.

Kirk olhou para a boca dela... Embora ela não estivesse a falar.

Angelica queria saber se estaria a pensar no mesmo que ela... Em beijos, beijos apaixonados...

– Obrigada – replicou, apressando-se a entrar na moradia.

Pouco depois, Angelica voltou à biblioteca. Ao vê-la a entrar, Mary Margaret levantou o olhar e sorriu.

– Vieste ouvir os CD? – perguntou.

– Desde que seja uma boa altura.

– Certamente. Vamos para a sala de audições e vou mostrar-te o que temos.

Poderás escolher e ouvir o que quiseses.
Leva alguns para casa, se quiseses.

Angelica seguiu a bibliotecária amável. A sala de audições era alegre e tinha muita luz. Surpreendeu-se ao ver o equipamento moderno que tinha. Televisão, leitores de CD e vídeo...

– Kirk deu-nos tudo isto, não é maravilhoso? – explicou Mary Margaret, como se lhe tivesse lido o pensamento. – Graças às suas doações, temos uma das melhores salas de audições deste Estado. Aproxima-te e vou mostrar-te o sistema.

Depois, guiou Angelica pelas prateleiras, para lhe mostrar como estavam ordenados os CD. Depois de se assegurar de que compreendia o

funcionamento do equipamento, deixou-a a sós.

Angelica pegou num CD em que aparecia o nome de Webb Francis. Os auriculares eram excelentes. Interrogou-se como Kirk conseguira pagar tudo aquilo. Pensou que o setor da construção devia ser mais vantajoso do que ela supunha.

Em poucos segundos, começou a desfrutar da música, que era tão estranha como atraente. Havia alegres canções, com muito ritmo, e baladas lindas. Em algumas canções até podia ouvir-se como as pessoas da vila participavam e aplaudiam.

– Tenho de sair para ir fazer alguns

recados – comentou Mary Margaret, minutos mais tarde, espreitando pela porta.

Angelica tirou os auriculares.

– Vou-me embora num minuto.

– Não, não, querida. Fica o tempo que quiseres. Se te fores embora antes de eu regressar, assegura-te apenas de que a porta fica bem fechada. Está vento. Não me surpreenderia se chovesse. Encontraste algo que querias?

– Sim, até mais do que eu esperava – respondeu Angelica, esboçando um sorriso.

Kirk bateu à porta da casa de Webb Francis. Esperou, enquanto observava

como o vento alvoroçava a copa das árvores. Aproximava-se uma tempestade. Angelica não respondeu. Voltou a tentar, mas não havia ninguém em casa. Supôs que teria ido à biblioteca.

Às vezes, as tempestades causavam cortes elétricos, por isso, quando se apercebera de que se aproximava uma, fora a casa do vizinho para mostrar a Angelica onde se encontravam as velas e como devia usar o gerador, no caso de precisar.

Decidiu ir procurá-la, para o caso de começar a chover antes de ela regressar a casa. Foi na carrinha até à vila. Quando chegou à biblioteca, as nuvens escuras do oeste já pairavam sobre a sua

cabeça e começou a faiscar. Saiu do veículo e entrou no edifício. A sala principal estava vazia, mas viu que havia luz na sala de audições, por isso, dirigiu-se para lá. Ao ouvir como a chuva começava a bater com força no telhado da biblioteca, soube que a tempestade começara.

Angelica levantou o olhar ao ouvi-lo entrar na sala.

– O que fazes aqui? – perguntou.

– Fui a casa de Webb Francis, para te mostrar onde guarda as velas. As tempestades daqui podem causar cortes elétricos, que duram horas ou até dias. Neste momento, está a chover muito – respondeu ele. – Precisas que alguém te

leve a casa – acrescentou, aproximando-se de uma das janelas. A tempestade continuava com força.

Ela aproximou-se também da janela e observou, com consternação, a chuva que caía.

– Se sairmos neste momento, vamos encharcar-nos em segundos.

– Vim na minha carrinha. Iremos a correr – ofereceu Kirk.

– Mary Margaret saiu para ir fazer alguns recados. Disse-me para fechar a porta, se eu me fosse embora antes de ela chegar.

Um relâmpago potente iluminou o céu, seguido por um trovão ruidoso. Angelica assustou-se e cambaleou sobre Kirk, que a agarrou para que não caísse. Nesse

momento, faltou a luz e a sala só ficou iluminada pela luz ténue que vinha do exterior.

– Suponho que ficará onde estiver, até passar a tempestade – comentou ele.

– Não devíamos ficar aqui?

– A tempestade pode durar muito tempo. Agora, que não há eletricidade, o que farias?

Kirk tinha razão. Não podia ouvir os CD.

Quando chegaram a casa de Webb Francis, Kirk estacionou a carrinha junto do alpendre da moradia. Ela saiu e correu, para se resguardar, mas não pôde evitar molhar-se. Então, observou como ele seguia os seus passos.

– Anda, vou mostrar-te onde estão as velas. Também há uma lanterna – disse Kirk, dirigindo-se para a cozinha. Tirou um punhado de velas de um armário, assim como uma lanterna enorme. Também tirou os fósforos de uma gaveta e deixou-os na bancada. – Durante algumas horas, terás um pouco de luz natural. Depois, escurecerá realmente.

– Obrigada – replicou Angelica. – O que fazes ao jantar?

– Tenho um fogão a gás e cozinho lá – respondeu ele, olhando para o fogão elétrico de Webb Francis. – Se quiseres jantar comigo, serás bem-vinda.

Ela hesitou. Mas tinha de comer.

– Se a eletricidade não voltar,

passarei em tua casa mais tarde – respondeu, acompanhando-o ao alpendre. Chovia torrencialmente.

– Telefona, se precisares de alguma coisa – disse Kirk, aproximando-se muito de Angelica.

Ela sentiu-se muito acalorada perante aquela proximidade.

– Se precisar de alguma coisa, coisa que duvido, telefonarei – assegurou, olhando-o nos olhos. Desejou tocar nele...

Quando ele finalmente se virou para se ir embora, Angelica quase teve de se agarrar ao corrimão para que as suas pernas não cedessem. Respirou fundo e apercebeu-se de que algo estava a mexer-se na estrada. Franziu o sobrolho

e tentou ver o que era.

– Há alguém a andar debaixo deste aguaceiro? – perguntou.

Kirk parou antes de sair do alpendre e olhou para a estrada. Depois, levantou a mão para cumprimentar.

Um momento depois, um menino aproximou-se da moradia.

– Webb Francis regressou? – quis saber. Embora tivesse um guarda-chuva, não tinha evitado molhar-se. Não parecia ter mais de oito anos.

– Não, ainda está no hospital, em Bryceville – respondeu Kirk.

– Está a dar-me aulas de violino – disse o menino, compungido. – Esta semana, não houve nenhuma. E tenho de

praticar, para poder participar no festival.

A expressão triste da cara do menino comoveu Angelica. Kirk olhou para ela.

– Tens sorte, Sam. Esta menina toca violino. Pode ensinar-te, até Webb Francis regressar a casa.

Capítulo 4

– Não posso ensiná-lo a tocar! – protestou Angelica. Nunca dera aulas, a ninguém.

– Assegura-te de que aprende o básico e depois ele poderá praticar. Webb Francis regressará a casa dentro de alguns dias. Não deve ser muito difícil.

– Não sei nada de crianças – respondeu ela, olhando para o menino.

– Sam Tanner, apresento-te Angelica Cannon. Será a tua professora

temporária – anunciou Kirk, como se ela tivesse acedido.

– Bom, suponho que podíamos tentar – cedeu Angelica. Não parecia estar muito entusiasmada.

– Obrigado, menina – agradeceu o menino. – Tenho de usar um violino de Webb Francis. Não tenho um. Mas ele deixa-me.

– Talvez Angelica possa deixar-te usar o dela – sugeriu Kirk.

– De maneira nenhuma. O meu violino vale imenso dinheiro. Se Webb Francis deixa que o menino use um dos dele, deverá usar esse.

– Chama-se Sam.

– Sam – repetiu ela, sorrindo para o rapaz. – Vem, entremos e vejamos o que

podemos fazer. Também vens? – perguntou a Kirk.

– Não. Tenho coisas para fazer – respondeu ele. – Se à hora de jantar continuar sem haver eletricidade, vem a minha casa – acrescentou, despedindo-se de Sam. E dirigiu-se para a sua carrinha.

Sam sabia perfeitamente o que fazer. Deixou o guarda-chuva perto da porta principal e dirigiu-se com muita confiança para a sala de música. Pegou num dos violinos que ali havia e virou-se para Angelica com um brilho refletido nos olhos.

– Mostra o que sabes fazer – pediu ela.

O menino começou a tocar uma melodia agradável. Quando acabou, olhou para a professora improvisada, esperançado.

– Que canção era essa? – quis saber Angelica.

– *Granny Does Your Dog Bite?* É a que quero tocar no festival. Webb Francis estava a ajudar-me a aprender. Devo tocá-la mais depressa.

– Tens partituras? – perguntou ela.

– Não, Webb Francis diz que os verdadeiros artistas não precisam delas. Acha que um dia poderei ser um bom artista? Se viesse aqui, podia praticar todos os dias.

Angelica gostou da determinação do

menino.

– Sim e penso que farás tudo maravilhosamente no festival de música. Vou buscar o meu violino e podemos tocar juntos, o que te parece?

– Fantástico – respondeu a criança.

Kirk avivou o fogo da lareira e voltou a sentar-se na poltrona do salão da sua casa. Estava a escurecer.

Embora a pior parte da tempestade já tivesse passado, continuava a chover. Ainda não havia eletricidade e, certamente, não voltariam a ter até ao dia seguinte. Tinha acendido a lareira, onde poderia cozinhar os cachorros quentes. Pensou no que estaria a fazer

Angelica.

Quando estava prestes a ir ver se estava bem, ouviu que batiam à porta. Ao abrir, viu a sua nova vizinha... Com gotas de chuva no cabelo e os ombros húmidos.

– Devias ter uma campainha, quase parti a mão a bater à porta – resmungou ela.

– A maioria dos meus amigos simplesmente chega e entra.

– Mas eu não sou tua amiga e não conheço os costumes do lugar.

– Vieste para jantar? – perguntou ele, afastando-se e indicando que entrasse.

Ao entrar e olhar à sua volta, Angelica ficou muito surpreendida com o interior moderno da moradia, que não

correspondia ao aspeto rústico do exterior.

– Este salão é encantador – comentou.

– Obrigado. Vem comigo para a cozinha. Vamos usar a lareira para cozinhar, mas podes ajudar-me a trazer as coisas. Queres tirar a camisola?

Ela assentiu com a cabeça e tirou a roupa húmida. Deu-lha e viu que a punha nas costas de uma cadeira. Depois, seguiu o seu anfitrião para a cozinha e espantou-se ao vê-la. Era realmente linda. Kirk não tinha poupado gastos ao construí-la.

– É muito bonita. Cozinhas?

– Cozinho a minha própria comida. Faço hambúrgueres, cachorros quentes,

bifes... Um cardápio muito limitado – respondeu ele, tirando salsichas e pães do frigorífico, que deixou sobre a bancada.

Angelica pegou em várias coisas e levou-as para a sala. Em alguns minutos, tudo o que precisavam para jantar estava numa pequena mesa, perto da lareira.

Depois, Kirk deu-lhe dois paus.

– Para que é isto? – perguntou Angelica.

– Crava um na tua salsicha... Assim – explicou, fazendo-o na dele. – Assim, poderás cozinhá-la no fogo.

– Estás a brincar... – disse ela. Mas observou como Kirk fazia e colocou a sua salsicha a assar.

– Quando estiverem prontas, vamos

pô-las no pão, acrescentaremos molho e teremos um festim.

Minutos depois, enquanto comia o seu cachorro quente, ele observou Angelica, que estava a dar trincas muito delicadas na sua comida. Parecia hesitante.

– Não gostas de cachorros quentes?

– Não os como muito frequentemente – respondeu ela. – Mas estes estão bons. E é divertido.

– Como foi a aula com Sam? – quis saber Kirk.

– É muito bom. Penso que aprendi mais do que ele. A prática vai ajudá-lo a estar pronto para o festival – explicou Angelica. Ao acabar de comer, recostou-se no sofá. – Surpreende-me

que tenha gostado da aula. Nunca estive muito na companhia de crianças.

– Exceto, quando eras pequena – disse ele, que também se recostou no sofá.

– Quando era criança também não, exceto no colégio. À tarde, tinha de praticar violino.

– Porquê?

– Era uma menina-prodígio e os meus pais queriam que tirasse o maior partido possível do meu talento.

– Como era a tua vida?

Ela começou a contar-lhe algumas coisas sobre a sua infância em Boston. Kirk apercebeu-se de que não tivera o tipo de infância de que ele tinha desfrutado.

– Não te cansavas desse tipo de vida? Quando ias à praia com os teus amigos, às compras ao centro comercial ou visitar o centro histórico de Boston?

– Não tinha tempo – justificou-se Angelica, olhando para ele fugazmente.

– É por isso que estou aqui. Quero ver mais coisas que há no mundo.

– Mas a tua vida ainda continua a girar à volta da música – comentou Kirk.

– É tudo o que sei fazer. Pelo menos, estou a diversificar o meu repertório.

– O que disseram os teus pais? – quis saber, curioso.

– Não sabem.

– O que é que não sabem?

– Não sabem onde estou, nem o que

estou a fazer. Tenho vinte e quatro anos, pelo amor de Deus, não preciso da aprovação dos meus pais para fazer nada.

– Não, não precisas.

– Posso tomar as minhas próprias decisões. E esta é a minha escolha. Aprender mais sobre este tipo de música.

– Angelica, ninguém está a discutir isso contigo.

Voltou a olhar para ele.

– Tens razão, mas é a primeira vez que faço algo parecido.

Kirk aproximou-se para lhe segurar na mão. Acariciou-lhe as pontas dos dedos.

– Tens as mãos asseguradas? –

indagou.

– Não – respondeu Angelica, rindo-se.

Deixando-se levar por um impulso, ele levou os dedos dela à boca e beijou-os com muita delicadeza. Quando lhe soltou a mão, viu como ela corava.

Sentiu-se muito bem, pleno. Mas embora o intrigasse muito e sentisse uma grande atração por ela, decidiu que devia manter as distâncias com Angelica Cannon. No que dizia respeito a mulheres, era muito sensato. A sua nova vizinha ficaria umas semanas em Smoky Hollow mas, depois, regressaria a Nova Iorque.

– Viveste sempre aqui? – perguntou

ela.

– Estive um tempo no exército. Foi lá que perdi a audição do ouvido esquerdo, por causa do fogo de morteiro. Do direito também não ouço muito bem.

– Não consigo imaginar como será não ouvir.

– Eu habituei-me. Quando acabou o meu período de serviço, comecei a viajar pela América – explicou Kirk.

Fora nessa altura que começara a trabalhar na construção, porque ao fazê-lo, o ajudara a conhecer realmente as pessoas que viviam numa comunidade. Não pôde evitar e começou a contar a Angelica algumas das experiências que tivera durante as suas viagens.

Angelica ouviu Kirk e começou a sentir uma certa inveja. Ele fizera muitas coisas, em muito poucos anos... Enquanto ela fizera muito pouco.

Teria ficado a ouvi-lo durante toda a noite. A sua voz profunda relaxava-a.

– É diferente para um homem. Pode ir a qualquer lado e realizar todo o tipo de trabalhos. Eu só sei tocar violino – referiu.

– Tenho a impressão de que não gostarias muito da vida nómada – comentou ele.

– Quem sabe? Faço o mesmo desde que tinha seis anos!

– Já está na hora de fazeres algo diferente.

– Sim, como ir aos bosques do Kentucky.

Kirk riu-se.

– Na verdade, isto é muito diferente para mim – continuou ela. – Quero ver lugares novos e tentar fazer coisas diferentes. Quero ter algo diferente na minha vida!

– Talvez o destino tivesse uma razão para te enviar para aqui. Até Webb Francis voltar, vou levar-te a conhecer a Natureza desta zona. Poderás aprender a acender uma fogueira sem fósforos, a fazer uma caminhada e a pescar. Certamente, nunca foste à feira de uma vila. Podemos ir. E, se quiseres, podes participar no festival de música e tocar outra coisa que não seja música

clássica.

– Irias levar-me, realmente, numa excursão e a uma feira da vila?

– Claro, porque não? – replicou Kirk, segurando-lhe na mão.

Mais uma vez, Angelica sentiu uma descarga elétrica que lhe percorria todo o corpo.

– Pensava que não gostavas de mim.

– Ainda não sei o que pensar – respondeu ele, sorrindo. – Mas talvez me tenha precipitado ao julgar-te. Podemos passar um verão divertido.

– Não tens de trabalhar? – perguntou ela.

– Estou a ajudar os Cooper a construir um celeiro.

– Falas como se estivesses a fazer um favor aos Cooper, por os ajudares. És rico?

Kirk voltou a sorrir e Angelica sentiu que o seu coração acelerava. Perguntou a si mesma se poderia suportar passar muito tempo na companhia dele, sem ficar louca de paixão.

– Tu és? – perguntou ele.

– Tenho poupado o suficiente para poder fazer um descanso como este.

– Eu também.

Ambos se olharam nos olhos. Ela sentiu-se muito atordoada. Precisamente, naquele momento, as luzes acenderam-se.

– Voltou a eletricidade – comentou

Kirk.

– Devia ir para casa. É tarde.

O tempo passara muito depressa. Angelica não conseguia recordar-se de quando desfrutara tanto de uma noite... E tudo o que tinham feito fora falar. E dar as mãos. Contrariada, retirou a dela de debaixo da dele e levantou-se.

– Acompanho-te a casa – disse Kirk, levantando-se também.

Estavam tão perto um do outro, que ela conseguia sentir a respiração dele nas faces.

– Obrigada pelo jantar – agradeceu, educadamente.

– Numa outra ocasião, podes devolver-me o favor – sugeriu Kirk.

Poucos minutos mais tarde, Angelica

fechou a porta da casa de Webb Francis e apoiou-se nela. Tinha desejado que Kirk lhe desse um beijo de boa noite. Desejava beijá-lo.

No dia seguinte, de manhã, depois das dez, Angelica decidiu deixar de esperar por Kirk e dirigiu-se para a biblioteca. Levantara-se cedo e estivera com atenção à porta, para o caso de ele bater. Kirk dissera que ia continuar a mostrar-lhe a vila e os arredores, mas não tinham planeado nada em concreto. Possivelmente, fora apenas educado.

Quando chegou à biblioteca, recebeu-a uma sorridente Mary Margaret.

– Pensei que voltarias hoje de manhã,

devido ao corte elétrico de ontem. Certamente, não conseguiste ouvir muitas gravações. Precisas que te ajude a encontrar alguma coisa?

– Não estou à procura de nada em particular. Quero ter uma perspetiva geral da música da região e escolher aleatoriamente os CD parece ajudar-me a consegui-lo – respondeu Angelica.

Duas horas depois, enquanto trocava um CD por outro, na sala de música, ouviu a voz de Kirk. Respirou fundo e tentou acalmar o seu nervosismo repentino. Ele parecia estar na sala principal da biblioteca e pensou se estaria à procura dela.

Então, ouviu passos a aproximarem-se e, poucos segundos depois, Kirk entrou na sala de música. Ela levantou o olhar e ficou consciente da masculinidade dele.

– Já acabaste? – perguntou Kirk, ao ver que ela punha um CD na respetiva caixa.

– Passei algumas horas a ouvir música, mas ainda não acabei. É fascinante. Adoro o ritmo das canções. Às vezes, as letras são muito engraçadas.

– Faz uma pausa. Vamos comer.

– À tarde, vou trabalhar com Sam. Por volta das três – disse Angelica, desejando ir com Kirk para onde ele

quisesse.

– Estaremos de volta antes dessa hora. Há pouco, passei pela loja. Bella faz umas cestas de piquenique fantásticas.

– Vamos na tua motocicleta? – perguntou ela.

– Não. Vamos a pé. É a melhor hora do dia – respondeu ele, virando-se.

Assim que saíram da biblioteca, pegou numa cesta que estava junto da porta. Assentiu com a cabeça para a esquerda e ambos percorreram uma curta distância. A certa altura, virou e começou a seguir um caminho que levava a um arvoredor que havia junto da vila.

Angelica estava contente. Sem falar,

seguiu Kirk por aquele maravilhoso cenário natural. Em poucos minutos, chegaram a uma clareira onde havia uma ribeira que dividia o lugar.

– Este sítio é mágico – comentou, admirando a beleza daquela clareira. – Consegues ouvir a água?

– Quando estou tão perto como agora, consigo. Mas, quando era criança, ouvia a ribeira muito antes de chegar à clareira – respondeu ele, deixando a cesta no chão. Tirou uma toalha vermelha e branca, e pô-la sobre a erva.

Angelica ajoelhou-se junto da toalha, quando Kirk começou a tirar a comida. Havia frango frito, salada, pão e bebidas. Em poucos minutos, desfrutou

da comida quase tanto como da paisagem.

– Tudo isto é muito bonito – comentou.

– Pensei que gostarias – respondeu ele, deitado na erva e observando a ribeira.

– Vens aqui com frequência? – quis saber ela.

– Ultimamente, não. Não é um lugar para vir sozinho.

– Obrigada por me teres trazido. É encantador.

– Daqui a pouco, podemos ir a pé pela margem da ribeira. A mais ou menos um quilómetro e meio de distância, há uma cascata que vai dar a uma piscina natural. Até poderíamos

tomar banho. Está calor.

– Não tenho fato de banho – esclareceu Angelica.

– Eu também não e então?

Olhou para ele fixamente. O brilho refletido nos seus olhos delatou-o. Engoliu em seco e abanou a cabeça. Viu como Kirk se ria. Ela nunca tomara banho nua, mas tinha a certeza de que ele o fizera em mais de uma ocasião. Pensou em companhia de quem...

Deixaram a cesta do piquenique na clareira e dirigiram-se para a cascata.

– Tudo isto é muito diferente de Nova Iorque – comentou Angelica, maravilhada com aquele lugar natural.

– É melhor – respondeu Kirk.

Ela assentiu com a cabeça e tentou acompanhar o ritmo dele.

– Chegaremos daqui a pouco – disse Kirk, virando-se para olhar para ela antes de continuar a andar.

Quando chegaram à piscina natural, que havia debaixo da cascata, Angelica quase sugeriu que seguissem a ideia dele de tomar um banho. Estava muito acalorada e a água parecia ser tão fresca.

– É profunda? – perguntou.

– Tem mais ou menos um metro ou metro e meio de profundidade. Muito profunda, quando as pessoas são da idade de Sam. Mas para nós, não. Embora seja refrescante – respondeu

Kirk, aproximando-se da margem. Pôs a mão na água e não resistiu a salpicar Angelica...

Surpreendida, ela devolveu-lhe o gesto e apressou-se a afastar-se quando ele voltou a salpicá-la. Rindo-se, desejou poder encharcá-lo.

Com o atrevimento refletido nos olhos, Kirk pegou na água com as mãos e foi trás de Angelica, que gritou e começou a correr. Um segundo depois, tinha as costas completamente encharcadas.

– Não é justo. Tu tens vantagem – queixou-se, ao ver que ele ia buscar mais água. Ela não tinha acesso direto à água. Virou para a esquerda, para tentar

evitar que a molhasse novamente.

Rindo-se tanto, que quase caiu, conseguiu chegar à água. Meteu-se lá dentro e começou a salpicar Kirk. Ele imitou o gesto e depressa ficaram encharcados.

Angelica sentou-se na beira da piscina natural e não lutou mais contra o ataque dele. Sentiu-se maravilhosamente fresca.

– Queres tomar banho nua? – perguntou Kirk, sentando-se ao lado dela.

– Não há necessidade. Já estou encharcada. Da próxima vez, trago um fato de banho – respondeu ela.

– És uma desmancha-prazeres – disse ele.

– Deves ter tido uma infância fantástica – sugeriu Angelica, olhando à sua volta.

– Tive, sim.

– És filho único?

– Sou o filho único de um filho único que, por sua vez, era filho de outro filho único.

– Os teus pais vivem em Smoky Hollow?

– Só tenho o meu avô. Ainda vive aqui. Foi ele que me criou.

Ela pôs as mãos dentro de água e recordou que fora o que a proprietária da loja lhe dissera.

– Devia ir-me embora. Tenho de mudar de roupa antes de Sam chegar –

salientou. E olhou para Kirk. – Obrigada pelo piquenique e por me teres trazido aqui. É um lugar encantador.

Ele assentiu com a cabeça. Não pôde evitar aproximar-se e esfregar os lábios nos dela. Foi uma carícia que, na opinião de Angelica, acabou muito depressa. Com aquele breve contacto, sentiu uma explosão de emoções deliciosas.

Sem dizer nada, Kirk levantou-se e ofereceu-lhe a mão para a ajudar. Com o coração acelerado, ela saiu da água. Os sapatos pesavam muito e sabia que estaria muito incomodada até chegar a casa. Mas só conseguia pensar no beijo que ele lhe dera...

Não sabia como reagir, nem se devia

dizer alguma coisa. Enquanto regressavam, respirou fundo e virou-se. Kirk tirara a camisa e estava a torcê-la. Ao ver a beleza masculina, quase ficou com falta de ar. Tinha ombros largos e musculados, pele bronzeada e uns abdominais perfeitos. Ficou cativada.

Quando Kirk vestiu finalmente a camisa, sentiu-se muito dececionada. Aquele passeio fora a diversão mais espontânea de que tinha desfrutado.

Capítulo 5

Já em casa, Angelica apressou-se a tomar banho e a vestir roupa seca. Pouco depois, chegou Sam, acompanhado de uma menina que tinha mais ou menos a sua idade.

– Olá, menina Cannon. Esta é Teresa Ann. Pode ensiná-la a tocar violino também?

– Olá, Teresa Ann – cumprimentou Angelica. – Queres que te prepare para o festival?

Teresa Ann riu-se.

– Não, para o festival não. Este ano não. Mas, se aprender a tocar, talvez possa participar no ano que vem. A minha mãe disse-me que pode pagar cinco dólares por aula. Mas tenho de usar um violino de Webb Francis. Não podemos comprar um – explicou a menina.

– Estou a ver. Realmente, eu não dou aulas – replicou Angelica.

Ao ver a decepção na cara de Teresa Ann, teve uma ideia.

– Olha, porque não telefonamos a Webb Francis, para lhe perguntar se podes usar um dos seus violinos? Se aceder, poderei ensinar-te o básico que precisas de saber. Ele regressará em

breve e poderá dar-te aulas.

– Dirá que sim – indicou Sam. – Quer que aprendamos.

Angelica sentou os dois alunos no alpendre, dando um copo de leite a cada um. Depois, dirigiu-se para a casa de Kirk. Bateu à porta. Ele abriu uns segundos depois.

– Tenho de falar com Webb Francis – disse ela, olhando para a outra casa, para verificar se as crianças ainda estavam sentadas.

– Agora? – perguntou Kirk, seguindo o olhar de Angelica. – Duplicaste o teu número de alunos, não é verdade?

– Não esperava que Sam trouxesse uma amiga. A menina quer usar um dos violinos de Webb Francis e tenho de me

assegurar que ele acha bem.

– Certamente. Entra e telefonaremos para o hospital.

Cinco minutos mais tarde, Angelica levou as duas crianças para a sala de música da casa de Webb Francis.

– Começaremos com Sam, para que pratique a sua canção e, depois, vou ensinar-te as noções básicas para começares a tocar – disse a Teresa Ann.

O tempo passou muito depressa. Sam praticou com esmero e a menina ouviu com atenção as explicações que a professora lhe dava a respeito de como segurar o violino. Decorrida uma hora, Angelica decidiu que a aula já tinha acabado. Surpreendeu-se por se ter

divertido tanto com as crianças.

– Fizeste tudo muito bem, Teresa Ann. E tu, Sam, vais ser a estrela do festival.

As crianças sorriram.

– Diz à tua mãe que as aulas são uma vez por semana, mas que tens de praticar todos os dias. E isso é de graça – disse à menina. Suspeitava que a família não devia ter muito dinheiro e não queria negar-lhe a oportunidade de aprender.

– Todos os dias? – perguntou Teresa Ann, com os olhos esbugalhados.

– Exceto, aos fins de semana – esclareceu Angelica. – E só durante meia hora. Poderão fazê-lo?

As crianças assentiram com a cabeça, solenemente.

– Obrigado, menina Cannon – disse

Sam.

– Obrigada, menina Cannon – repetiu Teresa Ann, antes de se ir embora com o amigo.

Uma vez a sós, Angelica lembrou-se que vira um reproduutor de CD na sala de música, por isso, dirigiu-se novamente para a biblioteca, para escolher música e ouvi-la em casa...

Na manhã do dia seguinte, quando Angelica bebera apenas alguns goles do seu café, alguém bateu à porta das traseiras da moradia. Era Kirk.

– Vem comigo. Estamos a trabalhar num celeiro e há lá gente que pode falar-te de música – convidou ele. – Gina

estará lá que, como já te expliquei, é a encarregada do festival este ano.

Kirk usava calças de ganga gastas, uma t-shirt e uns ténis. O seu olhar intenso fez com que o coração de Angelica acelerasse.

– Não posso construir um celeiro – respondeu.

Ele riu-se.

– Ninguém está a pedir-te para o fazeres. Vamos almoçar todos juntos e poderás conhecer algumas pessoas.

– Então, devia levar um pouco de comida.

– Não, já está tudo organizado. Vens ou não?

– Sim – respondeu ela, depois de hesitar uns segundos. – Vamo-nos

embora agora?

– Dentro de mais ou menos vinte minutos.

– Estarei pronta. O que devo vestir?

Kirk olhou para ela de cima a baixo e sorriu.

– A roupa que tens neste momento serve. Voltarei dentro de vinte minutos.

Angelica bebeu o café em tempo recorde, acompanhado por umas torradas com queijo. Quando ouviu que ele entrava na propriedade de Webb Francis com a carrinha, saiu de casa e apressou-se a entrar no veículo.

– Foste muito rápida – comentou Kirk, enquanto dirigia a carrinha para a estrada.

Entusiasmada, olhou à sua volta enquanto ele conduzia. Adorava a vegetação que ali havia. As árvores pareciam dominar tudo. Quando chegaram a umas terras, olhou para os hectares de milho que se prolongavam à frente deles. A certa altura, viraram para uma entrada para veículos e viu a quinta, e o celeiro. Havia numerosos carros e carrinhas estacionados no jardim da propriedade.

Kirk conduziu por um lado da moradia, onde havia uma longa mesa preparada para a refeição. Já estava posta com parte da comida de que desfrutariam.

– Vem comigo – pediu, quando

estacionou.

Apresentou Angelica a Carrie e Ber Cooper, os donos da quinta. Depois, foi para o celeiro enquanto ela começava a falar com eles que, por sua vez, a apresentaram a todos, à medida que as pessoas chegavam. A meio da manhã, já havia mais de cinquenta pessoas ali reunidas.

Angelica sentiu-se perturbada devido a todos os nomes e caras que conhecera e, a certa altura, afastou-se um pouco. Aproximou-se do celeiro para procurar Kirk. Ele estava em cima do telhado e ela susteve a respiração ao pensar que podia cair a qualquer momento.

– Temos sorte por o ter – comentou Carrie, aproximando-se dela e olhando

também para Kirk.

– Oh! – exclamou Angelica, sem desviar o olhar dele.

– Sabe muito sobre construção. O nosso velho celeiro ardeu e, se não fosse Kirk, teríamos de contratar um construtor. Eu pensava que não regressaria a Smoky Hollow depois de se ter ido embora. Embora o avô tenha uma quinta, Kirk não gosta muito.

– Parece que o conhece há muito tempo – disse Angelica.

– Estivemos juntos no colégio. Era um rapaz divertido e selvagem – explicou Carrie, sorrindo. – Tenho de receber os outros convidados. Kirk disse-nos que querias aprender tudo o que fosse

possível sobre o festival de música. Gina acabou de chegar. Vem conhecê-la. Assim, poderão falar do festival. Vai adorar.

Gina e Angelica entenderam-se imediatamente. Adoravam música, embora, de forma diferente.

– Já começaram a comer? – perguntou Kirk, ao aproximar-se delas

– Ainda não – respondeu Gina, dando-lhe um abraço. – Tens bom aspeto, Kirk.

– Não permitas que o teu marido ouça que namoriskas comigo – brincou ele, rindo-se.

– Será o nosso segredo – respondeu ela, rindo também. – Alegra-me muito ter conhecido Angelica. Disse-me que

estás a ajudá-la a familiarizar-se com a vila.

– Estou a substituir Webb Francis, que se ocupará dela quando sair do hospital.

Angelica tentou fazer com que não se apagasse o sorriso da cara, mas aquele comentário magoara-a muito. Pensara que Kirk estava a fazer mais do que simplesmente substituir o amigo. Levantou-se, evitou o olhar dele e dirigiu-se para a mesa.

– Parece um festim – disse, com tanto entusiasmo quanto foi possível.

– Conheceste toda a gente? – perguntou Kirk, aproximando-se dela.

– Quase todos – respondeu Angelica,

servindo-se de salada num prato.

– Vais tocar no festival?

– Provavelmente, não.

– Porque não? – quis saber ele, servindo-se de comida.

– O meu estilo de música não é aquele que as pessoas daqui querem ouvir.

– Mas música é música.

Ela olhou para o prato de Kirk, que se servira de comida suficiente para quatro pessoas.

– Vais comer tudo isso? – perguntou, impressionada.

– E tu vais comer só isso? – replicou ele. – Vais ferir os sentimentos de alguém, se não te servires de um pouco de tudo.

Angelica pestanejou, mas começou imediatamente a servir um pouco de cada coisa no prato.

– Melhor?

– Só se também comeres – respondeu Kirk, dando-lhe um ligeiro empurrãozinho.

– Não me empurres – sussurrou, completamente alterada com aquele gesto.

– O que disseste? – perguntou, aproximando-se para poder ouvi-la.

Angelica ficou a olhar para os olhos castanhos de Kirk. Desejou abraçá-lo e beijá-lo.

Mas recuperou a sensatez. Pegou num copo de chá gelado e procurou um lugar

onde se sentar.

– Gina guardou-nos um lugar – disse ele, ao ouvido.

Ela olhou para a nova amiga e viu como lhes indicava com a mão que se aproximassem.

– Não tens de cuidar de mim durante todo o dia – disse a Kirk.

– Não é nenhum esforço – respondeu ele. Depois, cumprimentou alguns dos convidados.

Gina apresentou Angelica às pessoas que ainda não conhecera. Quando a conversa que começaram a manter se centrou na música, ela prestou muita atenção. Parecia que o festival ia ser exatamente aquilo de que precisava. E podia ficar facilmente até finais de

agosto... Sobretudo, porque estava a viver de graça na casa de Webb Francis.

Depois do almoço, os homens retomaram as tarefas da construção e, assim que as mulheres retiraram os pratos da mesa, Angelica aproximou-se do celeiro para dar uma vista de olhos.

Kirk estava lá dentro, a usar uma serra para cortar madeira. A certa altura, levantou o olhar e viu-a.

– Vim ver o que estão a fazer – comentou, aproximando-se dele. – Esta madeira é para os compartimentos, não é verdade?

– Sim. Penso que acabaremos tudo, se ficarmos até acabar a nossa tarefa.

Angelica pensou em como as pessoas

daquele lugar eram solidárias. Ela nunca fizera algo parecido, nunca trabalhara de graça para ninguém. Mas talvez pudesse fazê-lo com Sam e Teresa Ann.

– Gina e tu falaram do festival? – perguntou Kirk.

– Sim. Agora sei muito mais coisas sobre o festival e como ajudar Sam a melhorar.

Observou como Kirk cortava a madeira que outros homens punham nos compartimentos que estavam a construir.

– Já tinhas feito isto? – quis saber.

– Sim, percorri a América a trabalhar em projetos de construção – confirmou ele.

– Penso que vou à biblioteca durante um momento – comentou Angelica, que

queria ver se havia algum livro que lhe desse pistas sobre como ensinar as crianças.

– Leva a minha carrinha – disse Kirk, tirando as chaves do bolso e dando-lhas.

– Ao sair da quinta, vira à direita e depois segue em frente até chegares à biblioteca. Já sabes como chegar a casa, de lá.

– E como regressarás?

– Um dos rapazes pode levar-me. Ou podes vir-me buscar, dentro de algumas horas.

– Posso voltar às quatro. Sam vai lá a casa, para praticar. Talvez leve também Teresa Ann.

– Esperarei.

Eram quase cinco quando Angelica entrou finalmente com a carrinha na entrada para veículos da quinta. Parecia que tinham acabado o celeiro. Não sabia como estava o interior, mas a única coisa que faltava no exterior era uma camada de pintura. Havia muitos homens sentados no jardim, obviamente cansados depois de um dia de trabalho intenso. Viu Kirk imediatamente. Estava sentado no chão, a falar com dois companheiros. Devia ter ouvido a carrinha, pois virou-se.

Cativou-a com o sorriso que esboçou quando a viu. Parou o veículo e abriu a porta. Antes de pôr um pé no chão, ele

aproximou-se para a receber. Desejou ter o direito de tocar nele, de o abraçar e sentir como a abraçava com os seus braços fortes.

Pestanejou e deslizou ao lado da carrinha. Desejou com todas as suas forças que o fascínio que sentia por ele não se notasse.

– Não fiz nem um arranhão – comentou, resistindo à tentação de se aproximar de Kirk.

– Não esperava que o fizesses.

– Estás pronto?

– Sim. Estou cansado, mas acabámos.

Alguns rapazes virão no sábado, para pintar. Jason tem uma pistola pulverizadora – respondeu, aproximando-se de Angelica.

Ela chegou-se para trás.

– Então, vou entrar na carrinha – disse, dirigindo-se quase a correr para a porta do pendura.

Kirk observou-a. Depois, despediu-se dos rapazes com a mão e entrou também na carrinha. Durante o trajeto de regresso a casa, ficaram em completo silêncio.

Angelica sabia que devia controlar as suas emoções. Só ficaria em Smoky Hollow até que se celebrasse o festival de música...

– Sam está melhor com o violino? – perguntou Kirk, quando quase tinham chegado à entrada para veículos da casa de Webb Francis.

– Muito bem. Penso que estará pronto para o festival. E Teresa Ann adora tocar.

– Sei que apreciam muito que os ajudes.

– Webb Francis dá aulas? – perguntou ela.

– Quando as crianças lhe pedem. Mas hoje em dia, a maior parte do tempo toca para si próprio. Deu aulas na universidade durante uma época, mas já está reformado – respondeu Kirk, introduzindo a carrinha na propriedade de Webb Francis. Estacionou à frente da porta da moradia e olhou para a sua acompanhante.

– Vais tocar no festival?

– Talvez. Pensei nisso desde que falei com Gina. Quero experimentar uma canção com a música das montanhas. Tens uma favorita?

– *Orange Blossom Special*, mas é muito complicada. Só alguns tipos que eu conheço é que conseguem tocá-la como é devido.

– Talvez trabalhe nela para ti – comentou Angelica, abrindo a porta da carrinha. – Obrigada por me levares contigo hoje. Gostei de conhecer toda a gente.

Depois de dizer aquilo, dirigiu-se para a sua residência temporária. Parou à porta e virou-se para observar Kirk a afastar-se. Desejou que houvesse outra

tempestade. Mas o céu estava completamente limpo... Não tinha nenhuma desculpa para ir a casa do seu vizinho, para jantar.

Kirk tomou banho e jantou apressadamente. Depois, dirigiu-se para a oficina. Estava muito cansado, depois de um dia de trabalho intenso, mas ao mesmo tempo, estava muito ansioso para começar a nova escultura em que estivera a pensar. Só tinha o bloco de madeira para começar a esculpir a obra. O enorme tronco de um carvalho, que devia medir mais de um metro. Tivera-o durante anos, mas nunca soubera o que fazer com ele. Até àquele momento.

Como o bocado de madeira era muito alto, teve de o pôr no chão. Estudou-o de todos os ângulos e delineou a lápis a figura que queria criar...

Era muito tarde quando, finalmente, se endireitou e se apercebeu de como estava cansado. Tinha de dormir um pouco. Enquanto se dirigia da oficina para casa, fixou-se na moradia vizinha. Perguntou a si mesmo se acabaria a nova escultura antes de Angelica se ir embora. Não sabia se queria que ela a visse. Era o trabalho mais pessoal que alguma vez fizera.

Na manhã do dia seguinte, quando ainda estava a tomar o pequeno-almoço, tocou o telefone.

– Olá, Kirk, sou Webb Francis.

– Como estás? Vens hoje para casa?

– Não vou voltar para casa durante algum tempo – respondeu Webb Francis.

– A minha irmã descobriu que estou doente e quer que fique com ela em Louisville, até recuperar por completo. Talvez me deem alta no fim de semana. Espero. Como estão as coisas por aí?

– Bem. Sentimos a tua falta. Gina quer falar contigo sobre o festival. A tua convidada quer participar nele.

– Angelica Cannon, é maravilhosa. É um talento raro. Apesar de ser tão jovem, já tocou como solista na Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e alguns dos seus concertos a solo foram

muito elogiados. Estou a telefonar-te por ela.

– Telefonaste para tua casa?

– Tentei há um momento, mas não obtive resposta. Ontem, sentia-me melhor e telefonei a Ryan Simmons.

– Conheço-o? – perguntou Kirk.

– Não. Foi professor de Angelica no conservatório. Tentou entrar em contacto com ela, mas o telemóvel está desligado... Ou talvez não tenha rede em Smoky Hollow. Bom, poderias dizer-lhe que Ryan Simmons tem de falar com ela? Pode ligar do meu telefone. Não importa o custo. Está a aprender algo que queria?

– Não sei. Mas ouviu numerosos CD da biblioteca.

– Desejaria estar aí, mas Betsy está muito decidida a que vá para sua casa. Ameaçou mandar Charles para vir buscar-me, se não for diretamente.

– Deixa que a tua irmã cuide de ti. Segundo me lembro, Betsy é uma excelente cozinheira.

– Sim, exatamente o que preciso – respondeu Webb Francis, tossindo. – Lamento pedir-te que dês uma olhadela à minha casa durante mais algum tempo.

– É para isso que servem os vizinhos. De qualquer forma, Angelica estará por aqui até depois do festival – explicou Kirk. Custava-lhe ter de recordar que ela só estava de visita.

– Já supunha que não ia ficar aqui por

muito tempo. Tem uma carreira em Nova Iorque. Lamento não poder tocar com ela. Certamente, seria uma experiência maravilhosa – comentou Webb Francis, antes de se despedir e desligar.

Capítulo 6

Enquanto se dirigia para a casa de Webb Francis, Kirk observou a relva do vizinho e achou novamente que devia cortá-la. Talvez o fizesse naquele mesmo dia. Quando chegou à porta das traseiras da moradia, bateu. Angelica abriu e esboçou o sorriso que a transformava na mulher mais bela que alguma vez vira.

– Entra. Queres café?

Ele hesitou. Só fora ali para lhe dar a mensagem do amigo...

– Claro. Telefonou Webb Francis.

– Senta-te. Como está? – quis saber ela, enquanto punha água na cafeteira.

– Melhor. Quando lhe derem alta, vai para casa da irmã.

– Oh... Quer dizer que devo ir-me embora?

– Não, ele gosta que haja alguém em casa, para cuidar dela – explicou Kirk.

– Sim, claro, como se por aqui houvesse algum perigo. As pessoas nem sequer trancam a porta.

– Bom, mas sempre é melhor que haja alguém em casa. Pediu-me para te dizer que tens de telefonar ao professor Simmons. Segundo parece, tentou entrar em contacto contigo, mas o teu

telemóvel não funciona.

– Sim, não há rede. O que quererá o professor Simmons?

– Telefona e descobrirás – sugeriu ele.

– Vou ligar. O café estará pronto dentro de alguns minutos – respondeu Angelica, pegando no telefone da cozinha. Marcou o número do professor e pediu falar com ele, mas ele estava a dar uma aula.

Em seguida, foi servir o café em duas chávenas.

– Queres leite ou açúcar com o café?

– Não, eu gosto dele simples e quente – respondeu Kirk.

Pôs-lhe uma chávena à frente e sentou-se.

– Ganhas a vida só com a construção?
Na quinta, percebi que parecias saber muito sobre isso. Todos te perguntavam se tinham feito bem.

Kirk reparou que Angelica parecia muito fresca naquela manhã, embora pensasse que devia ganhar alguns quilos. Estava mais magra do que qualquer uma das mulheres que conhecia. Tinha as faces rosadas e os olhos azuis brilhantes. Era realmente bela.

– Pode dizer-se que ganho a vida dessa forma.

– Tocas algum instrumento? – perguntou ela, depois de beber um gole de café.

– Não, alguém tem de ser o espetador.

– Irás ao festival?

– Talvez veja algumas atuações – respondeu ele, pensando que iria à atuação de Angelica. Compraria um bilhete na primeira fila, para poder ouvi-la.

– Ontem à noite, ouvi uma canção que me custou compreender. Era uma balada, mas não conhecia metade das palavras que utilizavam nela.

– Provavelmente, era uma linguagem antiga. Há poucas canções tristes que a usam.

– Alguém poderia traduzi-la, para que eu compreenda o que dizem? – quis saber Angelica.

– Webb Francis. Gina. O meu avô –

respondeu Kirk.

– O teu avô? Toca algum instrumento?

– Não, mas tinha uma voz fantástica. Costumava cantar em todos os festivais, embora não tenha voltado a fazê-lo em vinte anos, mas conhece todas as canções.

– Porque deixou de cantar?

– Num ano, discutiu com a organizadora do festival e não voltou a participar – explicou ele.

– Ena! É rancoroso. Achas que me ajudará?

– Possivelmente. Vale a pena tentar. Posso levar-te a vê-lo hoje de manhã e poderás descobrir.

Kirk não sabia como reagiria o avô com Angelica. Não era muito sociável,

mas adorava as canções daquele lugar.

Já passava das dez quando chegou à quinta onde tinha crescido.

– Que lugar tão bonito! – exclamou Angelica, ao ver as plantações de milho que rodeavam a entrada para veículos da propriedade. – Quando é a colheita?

– Começa no mês que vem. Ficamos com parte do milho. As pessoas da vila compram-no ao meu avô. O resto é para os porcos.

– Para os porcos?

– Sim, são a maior fonte de rendimento do meu avô.

Quando chegaram à moradia principal da quinta, atrás da qual havia um celeiro, um cão de caça saiu para os

receber. Ouvia-se o barulho dos porcos.

– Está a dar de comer aos porcos – comentou Kirk, parando a carrinha e saindo. Depois, dirigiu-se para a porta do pendura para a abrir. – Queres vê-lo? – perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, saiu do veículo e seguiu-o para o celeiro. Ao entrar, teve de tapar os ouvidos com as mãos devido ao ruído intenso que faziam os porcos. Viu um homem idoso, que estava a pôr comida numa manjedoura. Os porcos faziam aquele barulho de emoção!

Fascinada, sem tirar as mãos dos ouvidos, continuou a andar junto de Kirk.

O avô dele virou-se e viu-os, mas

continuou a dar de comer aos animais. Quando acabou de o fazer, dirigiu-se para eles.

– Esta é a convidada de Webb Francis? – perguntou.

Angelica baixou as mãos, porque o ruído tinha cessado. Sorriu educadamente e esperou que Kirk os apresentasse.

– É. Angelica, este é o meu avô, Hiram Devon. E ela é Angelica Cannon de Nova Iorque.

– Quanto tempo vais ficar aqui?

Surpreendeu-se que o senhor Devon não a cumprimentasse.

– Até depois do festival de música. Ouvi dizer que canta.

– Já não – respondeu Hiram.

– Estou a aprender as canções da zona – comentou Angelica. – Mas uma canção que ouvi ontem, deixou-me perturbada. Não consegui compreender o que dizia. Kirk disse-me que talvez conheça as palavras que usam.

– Que canção é? – perguntou o avô de Kirk, franzindo o sobrolho.

– O Amieiro.

– Conheço-a.

– Que mais coisas tens de fazer de manhã? – perguntou Kirk.

– Tenho de verificar se todos os bebedouros têm água e abrir as portas para o caso de os porcos quiserem sair.

– Se quiseses traduzir a letra da

canção para Angelica, eu farei as tarefas da quinta.

Depois de alguns segundos, Hiram assentiu com a cabeça.

– Suponho que poderia fazê-lo.

Ela seguiu o avô para a velha cozinha da moradia, onde ele tirou as botas de trabalho e calçou uns sapatos. Olhou à sua volta, curiosa por ver o lugar onde Kirk crescera. Em contraste com a casa dele, naquele momento, uma moradia moderna e acolhedora, aquela propriedade era muito velha, mas estava imaculadamente limpa.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou Hiram, ao ir lavar as mãos.

– Não, obrigada – respondeu Angelica, sentando-se à mesa de

madeira que havia na divisão. Tirou um caderno da mala. – Tentei escrever as palavras à medida que ia ouvindo.

Ele pegou no caderno e olhou para o que ela tinha escrito. Suspirando, aceitou a caneta que lhe oferecia e começou a escrever junto das notas de Angelica.

– Aqui tens, esta é a letra da canção. É sobre um jovem que deixa a Escócia para ir para a América e sobre a namorada e amigos que deixa ficar para trás. Quando receberam a notícia da morte do emigrante, todos se vestiram de luto.

– Que triste!

– Naquela época, a vida era dura.

– Eu poderia tocar esta canção no violino.

– Poderias, não é difícil – concedeu o avô.

– Se tocasse, cantaria comigo para que eu saiba se estou a fazê-lo bem?

– Aqui?

– Posso trazer o meu violino para a quinta. Ou, se preferir, podemos fazê-lo na casa de Webb Francis.

– Não vou muito à vila. Vem tu aqui. Pratica e, quando achares que estás pronta, diz-me.

– Obrigada, senhor Devon. Realmente, aprecio muito a sua ajuda.

– Veremos como o fazes. Porque estás interessada neste tipo de música?

Pensava que tocavas na Orquestra Filarmónica de Nova Iorque.

– E toco. Mas fiz uma pausa e estou a investigar música diferente.

Nesse momento, Kirk entrou pela porta da cozinha. Tirou as botas de motociclista e ficou de meias.

– Já está tudo feito. Foste capaz de ajudar Angelica? – perguntou, indo lavar as mãos.

– Traduzi a canção e expliquei-lhe o significado – respondeu Hiram.

– Assim que conseguir tocá-la no violino, o teu avô vai cantá-la para mim – informou ela.

– É verdade? – perguntou Kirk, olhando para o avô com a surpresa refletida na cara.

– Disse que o faria. Angelica pode vir aqui, quando achar que está pronta.

Kirk sentou-se à mesa, junto dela.

– Como conseguiste? – perguntou, olhando para ela fixamente.

– Simplesmente, pedi – respondeu Angelica, cativada pela sua beleza.

– Quando era jovem, eu tinha uma boa voz – comentou Hiram.

– Certamente, ainda a tem – respondeu ela, observando-o.

– Fala-me de Nova Iorque. Há muito que não vou...

Kirk chegou-se para trás na cadeira e observou como o avô e Angelica falavam de Nova Iorque. Sabia que devia ter muito cuidado para não se

apaixonar por ela, que ficava linda ao falar dos assuntos que lhe interessavam... Como a cidade dos arranha-céus. Uma mulher como Angelica nunca ficaria a viver numa pequena vila do Kentucky e ele não devia expor-se a mais sofrimento. Repentinamente, apercebeu-se de que ambos estavam a olhar para ele.

– O que foi?

– Estás nas nuvens, rapaz. Perguntei-te sobre Webb Francis – respondeu o avô.

– Lamento. Não te ouvi – mentiu Kirk. Sabia que era uma desculpa patética, mas era melhor aquilo do que deixar que percebessem que estava a pôr uma couraça, face à atração que sentia pela

violinista. – Vai para casa da irmã, para acabar de recuperar. Ela está a insistir muito.

– A família une-se quando é preciso – disse Hiram.

Quando um pouco mais tarde se foram embora, Angelica tinha a tradução na mão.

– Estimo muito a ajuda do teu avô – disse a Kirk, enquanto ele conduzia.

– Surpreende-me que o tenha feito. Normalmente, é muito distante com os estranhos. Embora também não se dê muito bem com as pessoas de Smoky Hollow.

– Com Webb Francis deve dar-se bem. Perguntou por ele.

– Têm uma boa relação. Espero que Webb Francis possa ir ao festival. Não deve fazer muito esforço ao sentar-se e desfrutar da música. Betsy devia levá-lo.

– É a irmã? Deve ser agradável ter a família por perto em momentos de necessidade.

– A tua família não faria o mesmo por ti? – perguntou Kirk, olhando para ela fugazmente.

– Tenho a certeza que o fariam. Mas, às vezes, muita atenção pode ser cansativa.

– Queres comer alguma coisa na cafetaria? – sugeriu ele, quando chegaram à vila.

– Sim, seria bom.

Já sentados a uma mesa, na cafetaria, Angelica estava a olhar para o menu quando uma mulher idosa parou à frente deles.

– Olá, Kirk, como estás?

Ele levantou-se e assentiu com a cabeça.

– Miz Harper. Estou bem. E você?

– A artrite está a dar-me problemas, mas não é nada novo – respondeu a mulher, olhando para Angelica.

Kirk apresentou-as.

– No outro dia, tive notícias de Alice – comentou Miz Harper. – Ia passar férias nas Caraíbas, com o marido. Eu adoraria que viesse viver para aqui.

– Sim, senhora, suponho que todos desejamos o mesmo – respondeu ele, com uma certa tensão.

Quando a mulher se foi embora, Angelica chegou-se para a frente para falar com Kirk em voz baixa.

– Quem era?

– A mãe de Alice.

– E quem é Alice?

– Era... A minha noiva.

– O que aconteceu? – perguntou Angelica.

– Não queria viver em Smoky Hollow – explicou ele, deixando o menu na mesa. – Foi para Atlanta, encontrou outro homem e casou.

Angelica não podia acreditar que

outro homem pudesse competir com Kirk.

– E tu não querias viver em Atlanta?

– Não. O meu avô está aqui. A minha família vive nesta vila durante gerações. Porque quereria viver numa cidade, quando o bosque e as colinas têm tanto para oferecer?

– Amava-la?

– Que tipo de pergunta é essa? Certamente. Não pediria a uma mulher que não amasse para casar comigo. O casamento já é suficientemente complicado, sobretudo, na minha família.

– Porquê, especialmente, na tua família?

– A esposa do meu avô foi-se embora

quando o meu pai era pequeno e a minha própria mãe abandonou o meu pai e a mim quando eu ainda era um bebé. E Alice também se foi embora. Não são muito bons augúrios, não te parece?

– Todas se foram embora, porque não queriam viver em Smoky Hollow? – perguntou Angelica.

Ele abanou a cabeça, no momento em que a empregada se aproximou para tomar nota. Quando a rapariga se retirou, Angelica voltou a chegar-se para a frente.

– Então, porque se foram embora?

– Não conheço a história completa da minha avó, mas o meu avô não é uma pessoa muito fácil de lidar. Ela foi para

Hollywood, para ser atriz. Que eu saiba, participou em alguns filmes e mais nada. Ninguém sabe o que aconteceu. Pode continuar em Hollywood ou ter morrido.

– E a tua mãe? – indagou Angelica.

– Decidiu que não queria criar um bebé e foi para Nova Orleães. A última coisa que soube, é que ela é a coproprietária de um pequeno restaurante nessa cidade.

– Nunca a vês?

– Não. Há alguns anos, quando estive a viajar, procurei-a. Mas não senti nenhum vínculo com ela. Para mim, era uma estranha e eu era o mesmo para ela. Mas cozinha muito bem. No restaurante, onde é chefe de cozinha, assim como coproprietária, desfrutei de uma comida

excelente.

– O teu pai e o teu avô nunca encontraram outras mulheres com quem casar?

– Castigaram-se com a experiência vivida.

– E tu?

– Oh... Espero encontrar alguém um dia. E gostaria de ter filhos. Mas quero estar com uma mulher que adore viver aqui, que queira as mesmas coisas que eu. Alguém que ponha a família acima de tudo.

– Seria bom, se conseguires encontrá-la – comentou Angelica.

– Se não a encontrar, gosto de como estão as coisas agora.

– Só que não terás filhos.

– Isso é verdade.

Ela manteve o silêncio durante um momento e pensou no seu próprio futuro. Nunca conhecera um homem com quem quisesse passar o resto da sua vida. Não quis imaginar que Kirk pudesse ser esse homem. A sua vida era em Nova Iorque e ele deixara bem claro que nem lhe passava pela cabeça viver numa grande cidade. E ela nem sequer sabia se queria ter filhos.

– Tu não és casada, mas... Há algum homem na tua vida? – perguntou Kirk.

– Não. A verdade é que não saí com muitos homens, exceto com músicos ou tipos que adoravam música clássica.

Mas isso vai ter de mudar. Não quero que a minha vida se reduza à música, pois desejo variedade e algo diferente – respondeu Angelica, olhando à sua volta. – Isto é diferente.

– Mas não é moderno, como Nova Iorque.

– Talvez não mas, mesmo assim, é muito agradável. Todos parecem conhecer-se.

Quando a empregada trouxe os hambúrgueres, batatas fritas e sumo, Angelica comeu com entusiasmo. Em Smoky Hollow podia comer com tranquilidade, sem pressa alguma para chegar a um ensaio ou encontro.

Depois do almoço, foram à loja da vila para que Angelica pudesse comprar algumas coisas de que necessitava. Os dois senhores idosos estavam sentados nas suas cadeiras de baloiço.

– Boa tarde, menina Cannon – disse um deles.

– Boa tarde – respondeu ela, parando junto deles. – O que aconteceu hoje por aqui?

Os senhores informaram-na de quem tinha ido à loja naquela manhã, quem estava na biblioteca e os rumores que corriam a respeito da sua participação no festival.

– Talvez participe – concedeu Angelica. – Ando a praticar.

- Que instrumento tocará?
- Violino, certamente.
- Que canção?
- Ah, terão de ir ao festival para descobrir.

Quando entraram na loja, dirigiu-se a Kirk.

– Onde se celebra o festival? – perguntou, enquanto cumprimentava Bella com a mão e pegava num carrinho.

– No recinto do condado. Vai celebrar-se depois da feira do condado, que começou ontem. Há uma espécie de anfiteatro, onde a acústica é muito boa.

- Tens de me mostrar.
- Se quiseses, podemos ir amanhã. Não é longe. Fica a meio caminho de

Bryceville.

– Está bem. Nunca assisti à feira de um condado. Direi aos meus alunos que amanhã não estarei aqui. Obrigada, Kirk – agradeceu, emocionada.

Angelica chegou a casa antes dos dois alunos. Quando chegaram, indicou-lhes que se sentassem na sala de música e tiveram uma aula excelente. Depois, ofereceu-lhes bolachas e leite. Disse-lhes que não ia estar em casa no dia seguinte e surpreendeu-se muito que ficassem tão dececionados.

– Adoro que me ensines – disse Teresa Ann, abraçando-a.

– E eu adoro ensinar-te, querida –

respondeu Angelica, sorrindo. – É só um dia. Nunca fui a uma feira.

– Do que mais gosto é das atrações – comentou Sam. – Sobretudo, quando nos põem de barriga para baixo.

Teresa Ann acrescentou que gostava de ver os animais.

– Adorarás – assegurou a menina, que ia com a família na sexta-feira. – Posso ir contigo? Assim, poderei ir dois dias.

– Será melhor não. Vou com Kirk Devon, portanto, não posso convidar mais ninguém.

– É um encontro – indicou Sam, sabiamente. – As crianças não vão aos encontros dos adultos!

Capítulo 7

Angelica estava a habituar-se à roupa casual que usava sempre em Smoky Hollow. Normalmente, vestia calças de algodão, combinadas com uma t-shirt do mesmo tecido e sapatos confortáveis. Quando, às dez da manhã, ouviu a motocicleta de Kirk, saiu da moradia pela porta das traseiras, no momento em que ele parou o veículo.

Emocionada, achou que Sam tinha razão. Aquilo era um encontro.

Kirk cumprimentou-a e deu-lhe o

capacete. Depois, sentou-se na motocicleta e abraçou-se a ele. Sentiu-se muito inibida. Sabia que o beijo que lhe dera na piscina natural não significara nada para ele, mas alterava-se muito só de pensar nisso. Enquanto se forçava por controlar as suas emoções, observou como Kirk virava a motocicleta e saía da propriedade. Seguiram a estrada, em direção a Bryceville.

Quando chegaram à feira, agradeceu o fim do trajeto. Um formigueiro intenso percorria-lhe o corpo e queria recuperar o equilíbrio. Ao olhar à sua volta, cativou-a o que viu. Havia um cheiro intenso a animais no ar e estava muito calor. Estacionaram num parque sujo e

dirigiram-se para a porta do recinto. Ao entrar, Angelica viu os estábulos. Também havia cercas com ovelhas, porcos e gado.

Enquanto observavam alguns dos animais, um grupo de adolescentes passou ao seu lado e Kirk pôs-lhe uma mão à volta dos ombros, para a afastar e deixar passar os rapazes. Abraçou-a contra o seu peito. O coração de Angelica acelerou e não foi capaz de falar. Depois de o grupo passar, ela não se afastou, nem ele a incitou a fazê-lo, pois continuou a abraçá-la. Explicou-lhe as regras que o júri seguia para qualificar os animais participantes na feira. Quando continuou a andar,

Angelica afastou-se e começou a andar junto dele. Então, ele deu-lhe a mão. Ela sentiu-se completamente atordoada e invadida por emoções intensas.

Depois de saírem do recinto dos animais, encontraram-se com várias pessoas de Smoky Hollow que estavam a desfrutar das atrações. Kirk apresentou-a e explicou aos seus conhecidos que estava a mostrar-lhe a feira. Durante alguns segundos, Angelica desejou não estar simplesmente de visita, mas ser uma pessoa da vila e conhecer toda a gente.

A manhã transformou-se em algo mágico. Quando pararam para comer algo na relva que havia junto de um dos palcos, ouviram os músicos que estavam

a tocar naquele momento.

– Puseste creme solar? – perguntou ele, quando estavam a acabar de comer.

Ela abanou a cabeça.

– Tens o nariz vermelho – comentou Kirk. – Vamos comprar-te um chapéu.

– Nem sequer pensei nisso – reconheceu Angelica.

Ele guiou-a até uma das bancas onde vendiam artigos como óculos de sol, gorros e cachecóis. Pegou num chapéu cor-de-rosa e pô-lo na cabeça da sua acompanhante.

– Fica-te muito bem – brincou.

Ela riu-se e olhou-se no pequeno espelho que havia na banca. Durante um momento, não reconheceu o reflexo que

viu. Tinha as faces rosadas, os olhos mais azuis do que o normal e uma grande felicidade refletida no rosto, o que a surpreendeu muito.

– Vamos levá-lo – disse Kirk ao lojista, pagando o chapéu.

– Posso comprá-lo! – protestou Angelica.

– Considera-o um presente de Smoky Hollow. Certamente, não tens coragem para o usar em Nova Iorque.

– Provavelmente, não.

– Mas hoje, vai servir-te bem – assegurou ele, dando-lhe a mão novamente.

Levou-a para o anfiteatro onde em agosto se celebraria o festival de música. Naquele dia, quem estava no

palco era um grupo de rock, que estava a fazer as delícias dos jovens reunidos no recinto.

– A acústica é muito boa – comentou ela, enquanto se sentavam ao fundo das tribunas.

Kirk assentiu com a cabeça. Conseguia ouvir a música e o murmúrio de várias conversas. Olhou para Angelica e pensou que estava muito bonita com o chapéu. Chegou-se para atrás nos bancos vazios que havia atrás deles e recordou-se de que da última vez que estivera naquela feira fora antes de se alistar no exército... Na companhia de Alice. Tinham falado em casamento e ele ganhara uma tartaruga estúpida para

ela, numa das atrações.

A certa altura, Angelica olhou para ele e sorriu. Ele sentiu como se alterava por dentro.

– Certamente, vens todos os anos – disse ela.

– Não, há muito tempo que não vinha.

– Porquê? Isto é fabuloso.

– É mais divertido, se vieres com alguém – respondeu Kirk. – E não tinha ninguém com quem vir. Desde que acabei a relação com Alice. Vem, vou mostrar-te a secção das diversões – acrescentou, levantando-se e oferecendo-lhe a mão.

À medida que a tarde passava, fez tudo o que pôde para que Angelica se divertisse. Ela riu-se imenso e ele não

conseguia recordar-se de se ter divertido tanto. Enquanto esperavam na fila, para andar nas atrações, falaram da sua infância e, a certa altura, ele ofereceu-se para tentar ganhar um ursinho de peluche para ela, numa das bancas.

– Estás a brincar? – perguntou Angelica, olhando para a banca.

Três garrafas de leite esperavam para serem derrubadas com um só golpe.

Kirk comprou três bolas para tentar... E as suas três tentativas fracassaram.

– Tentarei novamente – comentou, face às brincadeiras inocentes dos ali congregados.

– Não oiças – disse Angelica. –

Consegues fazê-lo.

Novamente, falhou a primeira bola. Então, olhou para ela e viu a confiança que refletia a expressão da sua cara, uma confiança que lhe tocou no mais profundo do coração.

Lançou a segunda bola e conseguiu derrubar as três garrafas.

— Ena! — exclamou Angelica, aproximando-se para o abraçar. — Conseguiu! Sabia que conseguirias.

— De que cor quer o ursinho? — perguntou o lojista.

— Cor-de-rosa, por favor. Para combinar com o meu chapéu.

Kirk adorava tê-la entre os seus braços. Abraçou-a estreitamente antes de a soltar, para lhe permitir segurar no

ursinho de peluche. Sorrindo, Angelica olhou para ele.

– Obrigada. Nunca ninguém tinha ganho um ursinho de peluche para mim.

– Foi um prazer – respondeu, desejando com todas as suas forças beijá-la.

Estava a escurecer quando, finalmente, chegaram a casa de Webb Francis. Durante o trajeto, Angelica segurara o ursinho de peluche num braço, enquanto com o outro se agarrava a ele. Tinha posto o chapéu entre ambos, para que não voasse.

– Diverti-me mais do que nunca – comentou, quando Kirk parou a motocicleta. Saiu, tirou o capacete e

devolveu-lho. – Obrigada – acrescentou, aproximando-se para o beijar.

Kirk puxou-a para ele e desfrutou do seu sabor.

– Acompanho-te – murmurou, quando ela se afastou.

– Não é necessário. Obrigada, novamente. Diverti-me muito!

Ele observou-a até entrar na moradia. Estava muito acalorado depois do beijo que tinham partilhado, mas pensou que Angelica se apressara muito para se afastar.

Angelica estava prestes a apagar a luz e ir para o andar de cima, quando o telefone tocou. Era o professor

Simmons.

– Lamento telefonar tão tarde. Tentei várias vezes durante o dia. Como estão as coisas por aí? – perguntou.

– Estupendamente. Hoje fui a uma feira do condado – respondeu ela. – Diverti-me muito.

– Quando te sugeri que fosses procurar Webb Francis, não sabia que estava doente.

– Não se preocupe. Webb Francis deixou-me ficar em sua casa... Bom, já sabia, se não, não teria telefonado para aqui. Tem uma coleção de música maravilhosa e estou a ensinar duas crianças a tocar violino.

– Então, estás contente por ter ido? – quis saber o professor.

– Oh, adoro estar aqui. Na feira, ouvimos diferentes grupos de música. E, segundo me disseram, haverá muitos mais no festival que se celebrará em agosto.

– Alegra-me que estejas a divertir-te tanto. Na verdade, telefonei porque os teus pais me telefonaram há alguns dias, para saber se tinha o número de telefone do lugar onde estás. O teu telemóvel não funciona. Disse-lhes que em Smoky Hollow não havia rede. A julgar pelo que me perguntaram depois, percebi que não lhes tinhas dito onde estavas. Espero não ter cometido um erro ao dizer-lhes.

– Durante estas férias, queria fazer

uma pausa de tudo, não só da orquestra.

– Podias telefonar aos teus pais. Pareciam estar preocupados.

– Obrigada por me informar. Não queria envolvê-lo em nada.

– Às vezes, as famílias exercem uma certa pressão que não se percebe no momento. Sei que os teus pais apoiaram muito a tua carreira musical.

– Talvez a tenham apoiado muito, mas agora já sou uma mulher adulta e posso tomar as minhas próprias decisões.

– Efetivamente. Telefona quando regressares do Kentucky, para me contar como foi e o que te pareceu o festival.

– Fá-lo-ei. Obrigada por tudo, professor – respondeu Angelica, antes de desligar. Sentiu-se um pouco culpada

por o ter posto numa situação tão embaraçosa, mas nunca teria pensado que os pais lhe telefonariam.

Contrariada, pegou no telefone e marcou o número dos progenitores. Foi para o atendedor de chamadas.

– Olá, mamã! Telefonei simplesmente para os cumprimentar. Tentarei novamente, noutra ocasião.

Depois, deixou o número de telefone da casa de Webb Francis. Não queria que ligassem todos os dias para tentar convencê-la a regressar a Nova Iorque, mas conseguia compreender que queriam estar em contacto... Embora não tivesse sentido a falta deles desde que estava em Smoky Hollow, onde

saboreava a verdadeira liberdade.

Inquieta, decidiu não ir para a cama, mas praticar a canção que tencionava tocar no festival.

Decorrida uma hora, deixou o violino na mesa da sala de música e aproximou-se da janela para olhar para a casa vizinha. Recordou o beijo que Kirk e ela tinham trocado no final do encontro. Desejava mais, desejava verificar se cada vez que ele a beijava se derreteria na sua boca ou se, finalmente, se habituaria aos seus beijos e se eles perderiam a magia.

Não se via nenhuma luz acesa na casa de Kirk, por isso, supôs que ele se teria deitado. Mas então, captaram a sua atenção as luzes do edifício que havia

atrás da moradia principal. Movida por um impulso, aproximou-se para ver o que estava a fazer.

A porta estava aberta. Parou ao chegar e verificou que aquilo não era uma garagem. Lá dentro, havia bocados de madeira de diferentes tamanhos, assim como esculturas já esculpidas. Kirk estava no meio da divisão, a esculpir um enorme bloco de madeira. Tentou ver o que estava a esculpir, mas fixou-se imediatamente na escultura de uma mãe com os filhos, que estava no fundo da divisão. Devagar, entrou na oficina e aproximou-se da obra de arte.

– É incrível – comentou.

– O que fazes aqui? – perguntou ele,

virando-se.

— Esculpiste-a? — quis saber Angelica, tocando na escultura. — É maravilhosa, linda.

— Obrigado.

Ela deu uma volta pela divisão e aproximou-se de todas as peças que estavam acabadas. Não pôde evitar e tocou nelas. Embora tivesse gostado da que representava a mãe com os filhos.

— Vais vendê-las numa galeria de arte? — perguntou.

— Espero que sim — respondeu Kirk.

— Então, é assim que ganhas a vida, não na construção. As esculturas são incríveis. O que vai ser isto? — bisbilhotou Angelica, aproximando-se da peça em que ele estava a trabalhar.

– Uma mulher, num precipício.

– Posso ver como trabalhas?

– É bastante aborrecido. Vou avançando, pouco a pouco, tirando bocadinhos daqui e dali.

– Quanto tempo demorarás a terminar esta escultura?

– Várias semanas.

Ela pensou que Kirk a confundira mais do que ninguém, com o beijo que tinham dado há apenas algumas horas. Viu um banco e aproximou-o dele para se sentar.

– Ignora-me – pediu, olhando fixamente para a obra, com a esperança de que a deixasse ficar.

Quando Kirk continuou a trabalhar,

era óbvio que podia concentrar-se por completo na sua tarefa. Fascinada, Angelica observou como as suas mãos longas realizavam um trabalho muito delicado.

– De onde tiraste a ideia? – quis saber, enquanto vislumbrava a forma de uma árvore e os seus ramos.

– De ti – respondeu, olhando para ela.

– De mim? Eu nunca estive à beira de um precipício.

– Se pensares bem, neste momento, estás. À tua frente não tens nada de familiar, nada normal. Darás um passo em frente e mudarás o teu futuro? Ou hesitarás e regressarás para aquilo que conheces?

– O que achas que farei?

– Conseguiu grandes sucessos, para uma mulher da tua idade. Penso que regressarás para aquilo que conheces.

Kirk pensou no que diria Angelica da sua avaliação. Emitira-a depois de anos de experiência. Havia muito pouca gente que conseguia ser feliz numa vila tão pequena como Smoky Hollow. Não a julgava, mas sabia que aquela visita era apenas um pequeno percalço no seu caminho.

– Alguma vez estiveste à frente de um precipício? – perguntou ela.

– Claro, todos o fazem, em algum momento. Não achas? – perguntou.

– E o que escolheste?

– Não escolhi a tradição familiar porque, se não, seria um rancheiro como o meu avô. Embora tenha decidido ficar na vila onde cresci e fazer parte da sua comunidade extraordinária.

– Mas estás em contacto com o mundo exterior, através da tua arte – comentou Angelica.

– Não sou um eremita. Às vezes viajo, embora me alegre sempre por regressar a casa. Quando estava no exército, vi coisas que desejaria não ter visto e, às vezes, dava graças a Deus por me permitir ver algumas paisagens incrivelmente maravilhosas.

– Alice queria saber mais. Isso quer dizer que queres menos?

Kirk deixou de trabalhar e pôs as

ferramentas numa mesa.

– Como é que ser feliz aqui, pode ser querer menos?

– Não sei. Toda a minha vida tive de ouvir que tinha de ir para Nova Iorque e ter êxito.

– E és feliz?

Angelica pensou nisso durante um momento e depois abanou a cabeça.

– Sabes que não, por isso, estou aqui. Para tentar aprender algo novo e ver que mais coisas me oferece a vida.

Então, aproximou-se dela e levantou-a da cadeira. Não pôde evitar abraçá-la.

– Tens um amigo especial?

Com o coração acelerado, Angelica voltou a abanar a cabeça. Agarrou-o

pela camisa e sentiu o calor que desprendia do seu peito.

– Tiveste alguma vez um amigo especial? – insistiu Kirk, apoiando a testa na dela.

Novamente, Angelica abanou a cabeça enquanto olhava para os olhos escuros dele. Sentiu-se invadida pelo desejo e desejou que Kirk deixasse de falar e a beijasse. Naquele momento, sentiu que estava à beira de um precipício.

Ele inclinou-se mais para ela, para lhe dar tempo de se chegar para trás se quisesse. Depois, fechou os olhos e beijou-a. Angelica fechou os olhos e saboreou aquele momento. Quando Kirk aprofundou o beijo, sentiu-se invadida

pela excitação. Nunca sentira aquela mistura de prazer delicioso e desejo de obter mais.

Quando ele deixou de lhe beijar a boca, para lhe dar beijos delicados nas faces, abraçou-o pelo pescoço. Pôde sentir a força do peito dele nos seus seios. Kirk voltou a beijar-lhe a boca e ela sentiu-se extremamente acalorada.

Um momento depois, ele abriu os olhos e apoiou novamente a testa na de Angelica. Devagar, ela abriu os olhos e derreteu-se com a cor castanha dos olhos de Kirk.

– És uma mulher muito perigosa – comentou ele.

Sentindo as pernas fracas, Angelica

pensou que tudo o que queria fazer era beijá-lo outra vez, para ver onde isso os levava... Como se não soubesse.

– Vai para casa – disse Kirk. – Vai para casa de Webb Francis esta noite e amanhã regressa a Nova Iorque. Este não é o teu lugar.

Capítulo 8

Angelica sentiu-se extremamente impressionada. Depois dos beijos que tinham partilhado, Kirk queria que se fosse embora.

Afastou-se e aproximou-se da porta, enquanto tentava controlar as suas emoções. A frustração e a decepção enfrentavam o aborrecimento e o orgulho. Não conseguia pensar com clareza. Mas o que sabia era que ele queria que se fosse embora e que fora uma completa estúpida ao ter

interpretado mal os sinais que lhe enviara.

Quando chegou à porta, teve finalmente a coragem de se virar e olhar para ele.

– Vou ficar até depois do festival. Mas não voltarei a incomodar-te com a minha presença.

Depois de dizer aquilo, dirigiu-se a correr para casa de Webb Francis. Ao chegar, fechou a porta antes de as lágrimas invadirem os seus olhos.

Enquanto observava como Angelica se afastava a correr, Kirk achou que fizera bem em afugentá-la, porque se não o tivesse feito, teria sucumbido aos seus

encantos. E sabia muito bem onde isso o levaria, ou seja, a sofrer outro desengano. Ela nunca ficaria em Smoky Hollow.

Cerrou os punhos. Os beijos que tinham partilhado tinham sido embriagadores e, ao abraçá-la, um fogo intenso percorrera-o por dentro. Mas não queria sentir nada por Angelica, não podia sofrer mais.

Respirou profundamente e pôde cheirar a fragrância extraordinária dela, que ainda pairava na oficina. Pensou que até Angelica se ir embora, no fim de agosto, teria um mês de angústia, um mês durante o qual devia ignorar a sua vizinha temporária. Devia concentrar-se nas suas esculturas, devia ser capaz de

passar para a escultura de Angelica, o desejo de algo novo, juntamente com a resignação de voltar à sua vida anterior.

Na manhã do dia seguinte, Kirk levantou-se cedo e foi visitar o avô antes de se dirigir para Bryceville, para ver Webb Francis.

Mal amanhecera quando chegou à quinta. Viu que as luzes da cozinha estavam acesas e soube que tinha chegado a tempo de tomar o pequeno-almoço.

– Não esperava ver-te hoje – disse o avô, quando o viu a entrar.

– Vou a Bryceville e pensei em vir ver-te antes, para o caso de precisares

de alguma coisa.

– Vais visitar Webb Francis?

– Sim. Em princípio, amanhã dão-lhe alta e queria vê-lo antes de se ir embora com Betsy.

Depois de o pequeno-almoço ser servido, Hiram olhou para o neto.

– Onde está essa rapariga de Nova Iorque, esta manhã?

– Suponho que está em casa.

– Parece ser uma mulher agradável.

Kirk assentiu com a cabeça. Fora ver o avô, para evitar pensar em Angelica e não queria manter uma conversa sobre ela.

– Ouviste-a a tocar? – quis saber Hiram.

– Não, mas segundo Webb Francis,

deve ser boa. Quer participar no festival.

– Hum...

– Queres ir este ano? – perguntou Kirk. Sabia que o avô não ia ao festival há várias décadas.

– Talvez.

– O que disseste?

– Disse que talvez vá. Porque pareces estar tão surpreendido? Costumava ir todos os anos.

– Certo. Vais cantar?

– Não. Simplesmente, talvez vá ouvir essa rapariga a tocar violino. Se for assim tão boa, talvez mereça a pena ouvi-la. Ouve como toca e conta-me.

– Pede-lhe para tocar violino para ti –

disse Kirk, cujo plano era evitar Angelica.

– Vive ao teu lado. Sê amável e ouve como toca.

Kirk pensou que ter ido tomar o pequeno-almoço com o avô fora um erro.

– Em breve, vou renovar a cerca das traseiras do curral dos porcos – comentou Hiram.

– Posso dar-te uma ajuda – respondeu Kirk. – Quando tencionas fazê-lo?

– Talvez na semana que vem.

– Queres que eu consiga a madeira?

Ambos combinaram como organizar as coisas e, depois de acabarem de tomar o pequeno-almoço, aproximaram-se da cerca do curral para a examinar.

Kirk regressou a casa a meio da tarde. Tinha ido visitar Webb Francis e fizera algumas compras em Bryceville.

Voltou a captar a sua atenção, o mau estado da relva do vizinho. O seu próprio jardim também precisava de certos cuidados. Mudou de roupa e vestiu roupa velha. Bebeu alguns copos de água e foi cortar a relva dos dois jardins. A relva dele não precisou de muito esforço, mas a de Webb Francis era outra história. Depois de passar a máquina várias vezes pela relva, começou a sentir-se muito acalorado devido ao sol intenso que se fazia sentir àquela hora da tarde. Tirou a camisa e deixou-a num arbusto.

Nessa altura, viu que Sam e Teresa Ann saíam para o alpendre da moradia, seguidos por Angelica. Cumprimentou-os com a mão, sem deixar a sua tarefa. As crianças tinham um copo na mão e beberam enquanto o observavam a trabalhar. Ele pensou que gostaria muito de beber um copo de chá gelado, mas não queria parar para ir fazer um.

Depois de dar duas voltas ao jardim com a máquina, surpreendeu-se muito ao ver que Angelica se aproximava dele com um copo cheio de um líquido cor de âmbar na mão.

– Se for chá gelado, eu... – começou por dizer. Mas deixou de falar abruptamente, ao recordar o efeito que

sentira ao beijá-la. Aceitou o copo e bebeu o chá de um só gole.

– Este trabalho cansa muito – disse ela. – Queres mais?

– Por favor. Agradeceria muito – respondeu Kirk.

Viu como Angelica voltava a entrar na moradia, não sem antes falar com as duas crianças que ainda estavam no alpendre. Minutos depois, voltou a sair com mais chá gelado.

– Talvez eu devesse fazer isso – comentou, ao dar-lhe o copo quando ele parou a máquina.

– Tenta – encorajou Kirk, chegando-se para atrás. Não sabia se queria beber o chá ou atirar-lho. Estar junto de Angelica não estava a ajudá-lo a sentir-

se menos acalorado.

– Está bem. Simplesmente, empurro?

– Sim. Nunca cortaste relva?

Angelica abanou a cabeça, enquanto agarrava a máquina e empurrava. Durante alguns segundos, não aconteceu nada, mas então a máquina começou a mexer-se quando ela exerceu mais pressão. Mas, obviamente, uma rapariga da cidade não fora feita para aqueles trabalhos...

Angelica empurrou com mais força. Aquilo não era tão fácil como Kirk fazia parecer. Quando chegou ao fundo do jardim, custou-lhe muito a virar a máquina. Ao conseguir, viu que cortara

mal a relva. Decidida a fazê-lo melhor, voltou a empurrar a máquina para a pôr a trabalhar. Ao chegar junto dele, estava completamente acalorada... E não era só pelo esforço que estava a fazer.

Kirk deu-lhe o copo e, sem dizer nada, agarrou na máquina. Ela afastou-se e observou-o. Fascinava-a que fosse tão forte. Desejando tocar nele, pestanejou e olhou para a casa. Sam e Teresa Ann estavam a olhar para ela. Sorriu e aproximou-se deles.

– Não o fez muito bem, menina Cannon – salientou Sam.

– Foi a primeira vez que cortei relva. Parece que requer prática, tal como tocar violino, não achas?

– Suponho que sim.

– O meu papá diz que cortar relva é trabalho de homens. E, quando acaba, a minha mãe dá-lhe chá como a menina fez – comentou Teresa Ann. – Mas os meus pais acabam por se beijar e tudo isso.

– Que nojo! – exclamou Sam.

Angelica olhou para Kirk e pensou que não se teria importado de o beijar em troca do seu esforço. Mas não queria voltar a pensar em nada parecido, embora a sua boca desejasse saborear a dele. O seu coração acelerou.

– Obrigada pelo leite – agradeceu Teresa Ann, dando o copo a Angelica. – Amanhã, não virei praticar porque vamos à feira. Mas poderia vir no sábado.

– Se queres, aqui estarei.

– Eu também venho – replicou Sam. – Quero assegurar-me de que estou pronto para o festival.

– Está bem. Então, vemo-nos no sábado.

Depois de as crianças se irem embora, Angelica levou os copos para a cozinha. Dominada pela tentação, aproximou-se da porta da moradia para observar Kirk através da mosquiteira. Quando ele finalmente acabou de cortar a relva, apercebeu-se de que estivera a olhar para ele durante quase meia hora. Virou-se e dirigiu-se para a sala de música, para praticar. A canção que queria tocar no festival era mais

complicada do que pensara.

Estava a tocá-la pela segunda vez, quando viu movimento. Pousou o violino e olhou para a porta. Kirk estava apoiado nela.

– Bati, mas suponho que não conseguias ouvir – disse ele.

– O que posso fazer por ti? – perguntou, forçando-se a manter o olhar nos olhos dele e a não o baixar para o peito bronzeado e musculado.

– Ouvi-te a tocar e queria ouvir mais. É *Orange Blossom Special*, não é verdade?

Angelica assentiu com a cabeça.

– Sempre se disse que é muito difícil de interpretar – comentou Kirk.

– É verdade. Mas estou decidida a

fazê-lo – afirmou.

– Fantástico. Vou dizer ao meu avô.

– Porque se importaria?

– Está a planear ir ao festival este ano. A primeira vez, em duas décadas. Quer ouvir-te a tocar. Diz que se Webb Francis acha que és boa, talvez sejas.

– Portanto, quer verificar por si próprio, não é? – replicou Angelica, rindo-se.

– Suponho que sim – respondeu Kirk.

– Eu ainda continuo a querer ir à quinta, para o ouvir a cantar esta canção. Encontrei a música e também estive a praticar.

– Certamente, vai gostar de o saber.

Nesse momento, o telefone tocou.

– Quem será? – perguntou ela, deixando o violino numa mesa. Depois, dirigiu-se para a cozinha.

Ele desviou-se para a deixar passar e depois seguiu-a.

– Mãe! – exclamou uma Angelica impressionada, ao ouvir a voz da mãe quando atendeu a chamada.

– O que estás a fazer numa aldeia, no meio do nada? – exigiu saber a sua progenitora. – Não posso acreditar que te tenhas ido embora sem dizer nada. Em que estavas a pensar?

– Estou a tirar umas férias – respondeu Angelica, sentindo-se culpada.

Kirk aproximou-se dela e observou-a.

– E vais simplesmente embora, sem nos dizer uma palavra? É incrível que não tenhas entrado em contacto connosco! – continuou a mãe.

Angelica, completamente cativada, ficara a olhar para o peito dele.

– Angelica!

– O que queres que diga? Queria tirar umas férias e fi-lo. Tenho todo o direito – respondeu, virando-se para poder concentrar-se no ataque da mãe.

– Bom, claro que podes tirar umas férias. Mas devias ter dito. Teríamos arrendado uma casita em Cape.

– Não queria ir para Cape Cod este ano. Queria descansar a sério e explorar música diferente.

– Mas agora, é o momento de organizar concertos e renovar o teu contrato com a filarmónica, e não de te esconderes nos bosques do Kentucky. Em que estás a pensar? Para teres uma carreira bem-sucedida deves estar sempre visível para o público. É por isso mesmo que telefono. O teu representante tem uma oportunidade maravilhosa para ti, na Europa. Durante dois meses percorrerás as capitais, Paris, Roma, Madrid, Berlim... É uma oportunidade única, para criares uma boa reputação no estrangeiro e, ao mesmo tempo, melhorar o teu *curriculum* nos Estados Unidos.

– Como solista? – perguntou

Angelica, sentindo-se perturbada. Não queria fazer uma digressão pela Europa, queria ficar onde estava. Ao perceber isso, ficou muito impressionada.

– Sim – respondeu a mãe. – Telefona ao teu representante, hoje mesmo. Ele telefonou durante dias, porque queria entrar em contacto contigo.

– Ligo mais tarde.

– Liga agora, Angelica! – ordenou a mãe.

Angelica agarrou o auscultador com força. Incomodada, pensou que estavam a tentar controlar a sua vida...

– Tens de regressar a Nova Iorque – continuou a progenitora.

– Telefonarei mais tarde – voltou a dizer, com mais determinação.

– Não posso acreditar que esteja a ouvir isto. Tiveste a melhor educação musical que existe e escolhes ir de férias, para um bosque do Kentucky. E agora, estás a adiar telefonar ao teu representante. O que se passa?

– É o que quero fazer neste verão – tentou explicar Angelica.

– Em Cape há um programa estival fantástico. Devias ter ido. Pelo menos, terias estado mais perto de casa – insistiu a mãe. – E mais acessível, quando telefonasse o teu representante. É incrível que não estejas a saltar de alegria perante esta oportunidade. Tens de a aproveitar.

Angelica olhou para Kirk, que tinha o

olhar fixo nela.

– Mãe, trato disso mais tarde –
declarou.

Ele agarrou a mão de Angelica e
afastou-lhe o auscultador da orelha.

– O que se passa?

– A minha mãe não me ouve –
declarou.

– Então, desliga – respondeu Kirk.

Angelica ficou a olhar para ele.
Depois, voltou a levar o telefone à
orelha. A mãe estava a falar, mas não
ouvira grande parte do que dissera.

– Tenho de desligar, mãe. Adeus –
despediu-se antes de pousar o
auscultador. Impressionada, ficou a
olhar para o telefone. Não conseguia
acreditar que desligara o telefone à mãe!

– Angelica. Não fizeste nada de mal – tranquilizou-a. – És uma pessoa adulta, capaz de tomar as tuas próprias decisões. Não te desgostes com uma conversa telefónica.

– Os meus pais agem como se eu não pudesse pensar sozinha, como se tivesse de ser a melhor violinista do mundo. Antes deste verão, sempre permiti que me dissessem o que devia fazer.

– Agora, não o permitas – aconselhou Kirk.

– És muito otimista – respondeu ela.

O telefone voltou a tocar. Olhou para ele e encolheu os ombros.

– Deixa tocar – disse. – Obrigada por cortares a relva. Cheira bem. Queres

mais chá?

O telefone continuou a tocar.

– Vamos para o alpendre – sugeriu, sentindo-se estranhamente livre ao ignorar os pais.

Quando Kirk se foi embora, Angelica começou a sentir-se culpada. Pelo menos, devia saber o que queria o seu representante. Sempre podia dizer que não.

– Nunca saias da cidade sem deixar um número de telefone de contacto – disse o representante, quando Angelica lhe telefonou. Estava muito ansioso.

– Estou de férias – respondeu, pensando que Henry não a fazia sentir-se

sob pressão. – A minha mãe disse-me que tens uma série de concertos.

– É uma oportunidade maravilhosa para mostrar o teu talento pela Europa, em colaboração com *The Musique Français*. Não podes negar.

– Quando seria? – perguntou Angelica. A mãe tinha razão. Era uma oportunidade única, porque *The Musique Français* era uma instituição muito prestigiada.

– A excursão de concertos começa na segunda semana de setembro, mas na semana que vem, terias de viajar para Londres para começar os ensaios. Não há tempo a perder. Quando podes regressar a Nova Iorque?

– Há um problema. Estou a dar aulas

a duas crianças e não posso ir-me embora antes do festival.

– O quê? Estás a dar aulas? – perguntou Henry, perturbado. – É absurdo, a não ser que os miúdos sejam muito talentosos. Posso ouvi-los?

– Estão a aprender as canções folclóricas da zona. Não me parece que sejam o teu tipo de aluno habitual, Henry. Mas estou a divertir-me muito.

– Tu não és professora, és uma violinista muito talentosa.

– Eu sei – disse ela. – Mas tenho de cumprir este compromisso.

– Não, não tens de o fazer. As crianças podem praticar sozinhas ou com a ajuda das pessoas da vila.

– Até Webb Francis regressar, não há ninguém que possa ajudá-las. E eu comprometi-me.

– Quebra o teu compromisso. Isto é muito mais importante. Sabes como é difícil ter uma oportunidade assim?

Angelica mordeu o lábio inferior. Sabia perfeitamente o grande impulso que significaria para a sua carreira, mas o pequeno Sam contava com ela.

– Pensarei nisso e voltarei a telefonar dentro de alguns dias. Adeus – disse, antes de desligar.

Decidiu que ir dar um passeio lhe faria bem e começou a dirigir-se para a vila. Devia decidir o que fazer...

Kirk bateu à porta da casa de Webb Francis antes das seis. Tomara banho e mudara de roupa. Estava fantástico, com uma camisa de algodão e calças caqui. Angelica deixou-o entrar e chegou-se para trás para evitar deixar-se levar pela tentação de se precipitar para os seus braços.

– O que se passa? – perguntou.

– Pensei que talvez quisesses sair. Podíamos ir jantar à cafetaria da vila.

– Adoraria – respondeu, sorrindo. – Esta tarde, estive muito angustiada.

– Já és crescidinha.

– Eu sei, mas os meus pais conseguem ser muito dominadores. Esta é a primeira vez que os enfrento e penso que

não sabem como agir.

– Não compreendo como as tuas decisões podem afetar a vida deles. És adulta e vives sozinha.

– Tenho a certeza que é muito mais agradável dizer que a filha está na Europa, do que dizer que se encontra numa aldeia perdida do Kentucky.

– São uns snobes.

Angelica quis negar aquilo... Mas não pôde.

– Talvez tenhas razão. Nunca tinha pensado nisso.

– Tu própria és um pouco snobe – respondeu ele, apontando com um dedo para o queixo dela.

– Não sou.

– É verdade que agora já não és tanto,

mas lembro-me da cara de horror que fizeste ao sair do autocarro.

– Não era snobismo, simplesmente, estava espantada por existir na América um mundo tão diferente daquele que eu conhecia.

– Estás pronta? Pensei que podíamos ir na motocicleta.

– Os snobes não andam de motocicleta – respondeu ela, sorrindo.

– Talvez estejas a ampliar os teus horizontes – disse Kirk, antes de sair e sentar-se na motocicleta para esperar por ela...

Capítulo 9

Depois de Kirk fazer o pedido, recostou-se para trás no banco da cafetaria. Observou como Angelica olhava fixamente para o menu. Estava completamente distraída.

– Estás bem? – perguntou.

Ela desviou o olhar e assentiu com a cabeça. Suspirando, deixou o menu na mesa.

– É sempre complicado lidar com os meus pais.

– Não tens de lidar com eles agora.

Estão a muitos quilómetros de distância.

Angelica encolheu os ombros.

– Sam Tanner e Teresa Ann Williams contam com a tua ajuda para o festival – comentou Kirk.

– Se Webb Francis recuperar em pouco tempo, poderá ocupar-se deles.

– Não regressará a tempo. Além disso, tenho muita vontade de te ouvir tocar *Orange Blossom Special*.

– Talvez não sintas o mesmo, quando me ouvires a tocar. É complicada.

Quando trouxeram a comida, Angelica relaxou um pouco e comentou como estava deliciosa...

– Estou muito agradecida por me convidares para sair esta noite – disse, depois de acabarem de jantar. – Ainda

não sei o que vou fazer.

– Sobre o quê?

– O meu representante conseguiu uma oportunidade maravilhosa para fazer uma digressão pela Europa, no outono. Há seis meses, teria aceitado sem hesitar. Mas agora... Não sei o que fazer. Queria vir para aqui neste verão, para obter uma certa perspetiva das coisas. Estou muito aborrecida. Sei que os meus pais me amam e desejam o melhor para mim, mas parece que não deixam de me pressionar para fazer o que eles querem!

– Tenho a impressão de que querem que sigas o caminho que criaram para ti. O meu pai e eu passámos pelo mesmo

com o meu avô, que queria que fôssemos rancheiros. O meu pai tentou, mas odiou-o tanto que foi trabalhar para a mina. Eu não me importo de o ajudar de vez em quando, mas não vou ser rancheiro. Se alguma vez me casar e tiver filhos, não esperarei que sejam construtores, nem escultores. Cada pessoa deve escolher o seu caminho. E tu deves decidir o caminho que vais seguir.

– Sim, tenho de decidir.

Kirk desejou poder dizer-lhe algo para decidir ficar em Smoky Hollow, para que pelo menos pensasse em ficar, para que pensasse nele.

No dia seguinte, de manhã, Angelica acordou com uma leve sensação de terror. Devia decidir o mais depressa possível o que iria fazer.

Estava a pensar qual era a sua melhor opção, quando tocou o telefone. Hesitou muito antes de atender. Não estava pronta para decidir naquele momento.

– Angelica – disse o pai.

– Olá, papá!

– A tua mãe contou-me a conversa que tiveram. Querida, nós queremos o melhor para ti. Mas deves decidir sozinha. Só tu sabes o que é melhor para ti.

Ela ficou espantada. Estavam a deixá-la decidir, sem discussões de nenhum

tipo.

– Fala-me do lugar onde estás – pediu o pai.

Angelica contou-lhe como as pessoas de Smoky Hollow eram amáveis, falou-lhe dos dois alunos que já adorava e de Hiram Devon. Disse pouco sobre Kirk.

– Parece que estás a divertir-te imenso – comentou o seu progenitor.

– Suponho que sim – concedeu, percebendo a realidade. Estava a passar um verão maravilhoso. Olhou pela janela e sorriu ao ver as árvores que havia no jardim das traseiras.

– Tomarás a decisão correta. Simplesmente, diz-nos o que decidiste.

Angelica sentiu-se como uma prisioneira que saíra da prisão.

– Alegria-me ter falado contigo, papá
– disse, perturbada com aquela mudança de atitude.

– E eu gostei de ouvir tudo aquilo que me contaste. Espero que o festival corra bem!

Ela desligou. Não compreendia o que acontecera e pensou se a mãe sabia que o pai lhe telefonara. Sentou-se à mesa da cozinha e recordou que fora a sua progenitora que sempre quisera que ela fosse violinista. O pai simplesmente a apoiara.

Quando o telefone voltou a tocar, teve a certeza de que era a mãe... Ou o seu representante.

– Sim?

– Olá, Angelica. Sou Gina. Hoje é tarde, vamos ensaiar no liceu. Às duas. Podes ir? Dar-te-ia a oportunidade de ver os grupos que vão participar no festival e conhecer toda a gente.

– Sim, às duas. Onde é o liceu?

Gina deu-lhe a morada e disse que estava muito contente por ela ir.

Angelica pensou se Sam sabia que ia haver um ensaio. Seria triste o menino ter estado a praticar durante tanto tempo e não ser incluído. Contudo, recordou-se de que o menino ia à feira. Mesmo assim, queria informá-lo do ensaio, por isso, pegou na lista telefónica. Mas encontrou uma dúzia de Tanners.

Tinha de perguntar a Kirk. Foi a casa

dele e bateu à porta das traseiras. Depois de vários minutos, duvidou se ele conseguiria ouvir que alguém estava a bater. Abriu a porta e entrou. Não ouviu nenhum ruído em casa, por isso, voltou a sair e dirigiu-se para a oficina. Mas, ao abrir a porta, verificou que também não estava ali.

Enquanto se dirigia para casa, ouviu a motocicleta dele. Decidiu ir esperar na porta das traseiras da moradia. Uns segundos depois, Kirk estacionou. Tirou o capacete e olhou para ela.

– Precisas de alguma coisa?

– Do número de telefone de Sam. Hoje vai haver um ensaio e não quero que ele o perca.

– Claro, entra – disse Kirk,

desmontando da motocicleta. Pousou o capacete.

– Saíste cedo – comentou ela.

– Fui ver o meu avô – respondeu, aproximando-se para segurar a porta.

– Como está?

– Bem – respondeu Kirk, entrando na moradia atrás dela. Aproximou-se para abrir uma gaveta, de onde tirou uma lista com nomes e números de telefone. – Aqui tens o número de Sam. Podes usar o meu telefone – acrescentou.

Depois de Angelica falar com a mãe de Sam e lhe explicar que ia haver um ensaio, desligou e virou-se para Kirk.

– O meu pai telefonou de manhã. Disse-me para ignorar tudo o que me

tinham dito no passado e para conseguir o que quisesse. Nem consegui acreditar.

– Porquê? É uma pessoa adulta e parece que percebeu que tu também és.

– Fez perguntas sobre a minha visita a Smoky Hollow.

– E?

– Falei-lhe das minhas experiências e disse-me que parecia feliz. E tem razão. Aqui, sou feliz.

– Pareces quase surpreendida.

– Suponho que estou.

– Queres que te leve de carro ao ensaio? – ofereceu-se.

Ela considerou a oferta. Confundia-a muito o comportamento de Kirk.

– Seria muito bom.

– Quando é?

– Às duas, no liceu da vila.

– Irei buscar-te às dez para as duas.

Demoramos muito pouco a chegar.

Angelica não queria ir-se embora mas, face ao silêncio que se apoderou do ambiente, não teve outro remédio senão virar-se e dirigir-se para a sua residência temporária.

Quando Angelica chegou com Kirk ao pátio onde ia celebrar-se o ensaio, viu que havia mais gente do que esperava. Levara consigo o seu violino e outro para Sam, assim como numerosas partituras. Gina viu-a assim que Kirk estacionou a carrinha.

– Vais ficar? – perguntou-lhe.

– Não. Quanto tempo vai durar o ensaio?

– Duas ou três horas. Telefonaremos – respondeu ela, dirigindo-se a Angelica. – Alegra-me que tenhas podido vir. Vem conhecer as pessoas.

Pouco a pouco, foi apresentando muita gente a Angelica. A certa altura, uma carrinha entrou no recinto e Sam saiu. Imediatamente, aproximou-se da sua professora.

– Há muita gente – comentou o menino, olhando à sua volta.

– E todos adorarão ouvir-te tocar – assegurou ela, dando-lhe o violino. – Finge que estamos os dois, sozinhos.

– Está bem – concordou um inseguro Sam.

Gina pediu que todos ficassem em silêncio. Depois, leu a lista.

– Fiquem onde estão, até ser a vossa vez de tocar – concluiu.

Angelica sentou-se na erva e desfrutou dos ensaios dos numerosos grupos que participariam no festival. Quando finalmente chegou a vez dos solistas, Sam foi o segundo a ser chamado ao palco. O menino pegou no violino e na partitura. No palco, olhou para Angelica. E, em seguida, começou a tocar a canção que passara todo o verão a praticar. Ao acabar, obteve uma grande ovação.

– Sabia que conseguias, Sam. A tua interpretação será um êxito no festival –

elogiou, abraçando o menino.

– Agora é a tua vez, Angelica – anunciou Gina.

Repentinamente, Angelica sentiu grande pânico e muitos nervos.

– Consegue fazê-lo, menina Cannon – sussurrou Sam.

Ela sorriu. O menino tinha razão.

– Se puder, pensei em tocar duas canções – sugeriu a Gina.

Quando ela assentiu, Angelica subiu ao palco e começou a tocar um dos solos da sua última sinfonia. Olhou à sua volta e viu que a maioria dos participantes no ensaio estava a sorrir. Quando acabou, os aplausos pareciam não cessar.

Depois, começou a tocar *Orange*

Blossom Special e todos bateram palmas. Ela relaxou e pôde desfrutar daquela experiência. O aplauso incrível que recebeu quando acabou de tocar chegou-lhe à alma. Até lhe pediram que voltasse a interpretar a canção.

Gina aproximou-se dela e deu-lhe um abraço.

– Podes voltar a tocá-la? – perguntou.

– Claro.

A multidão mostrou o seu entusiasmo ao voltar a ouvir a canção. No fim, quando Angelica já saíra do palco, pediram mais, mas Gina tranquilizou os ânimos.

– Vamos tentar não perturbar a nossa convidada – disse, esboçando um grande

sorriso. – Tocará no festival. Mary Margaret, tu és a próxima.

– Não sei se quero tocar depois dela – disse a bibliotecária, sorrindo para Angelica. Tinha uma guitarra e, em poucos segundos, começou a tocar uma balada triste.

Sam aproximou-se de Angelica.

– Obrigado por me ajudar – agradeceu.

– Foi um prazer – afirmou, dando um abraço ao seu aluno.

Depois de todos os participantes terem atuado, Gina declarou que o ensaio fora um êxito.

Rachel Tanner foi buscar o filho e, quando descobriu que Angelica tinha de telefonar a Kirk para ir buscá-la, insistiu

em levá-la a casa.

– Mãe, fiz tudo bem. Todos aplaudiram – disse Sam, emocionado.

– Tocou maravilhosamente. Todos adoraram – comentou Angelica, sentada na carrinha dos Tanner.

Sam estava sentado entre a mãe e ela.

– Webb Francis disse que Sam tem talento para o violino. Obrigada por o deixar praticar, embora ele não estivesse em casa – agradeceu Rachel Tanner.

Depois de manterem uma conversa amena durante o trajeto, finalmente, deixaram Angelica em casa. A primeira coisa que fez foi deixar os violinos na sala de música. Depois, olhou pela

janela para a casa de Kirk. Estava muito emocionada por o ensaio ter corrido tão bem e queria partilhar com ele. Um minuto depois, apareceu na porta aberta da oficina. Estava a trabalhar na escultura e ela sentiu um desejo intenso de coisas que não podiam ser... Como um beijo e um abraço daquele homem atraente.

– Kirk – chamou, entrando na oficina.

– Já voltaste? – perguntou ele, levantando o olhar da escultura. – Como correu? Como regressaste a casa?

– Vim com a mãe de Sam. Foi maravilhoso. Adorei ouvir toda a gente a tocar – respondeu, aproximando-se da mesa e observando a obra de arte. – É linda. Agora, já pode ver-se claramente

o bosque que há por detrás do precipício e a mulher na beira – acrescentou, tocando na madeira com muito cuidado.

– A escultura está a correr bem. Fala-me do ensaio.

– Foi completamente diferente de qualquer ensaio em que participei. Diverti-me muito! Agora, penso se poderia regressar à Orquestra Filarmónica, que é mais um trabalho do que outra coisa. Aqui há paixão em partilhar a música, as pessoas encorajavam-me. E isso, é algo que não consigo em Nova Iorque.

Kirk encolheu os ombros e observou-a com muita intensidade.

– Sam foi maravilhoso – continuou Angelica. – Ao subir ao palco, estava um pouco nervoso, mas depressa se concentrou na canção e todos o encorajaram muito. Foi fantástico. Irás ao festival, não é verdade?

Ele hesitou um momento e ela recordou-se de que tinha uma perda de audição. Talvez não fosse assim tão divertido, quando não se conseguia ouvir a música. Mas, realmente, queria que a ouvisse a tocar.

– Claro, lá estarei – respondeu Kirk.

Capítulo 10

Quando, pouco depois, Angelica se foi embora, Kirk apoiou-se na mesa da oficina. Sentia-se como se acabasse de correr uma maratona. O esforço para se controlar e não tocar nela fora enorme.

Pegou numa folha de lixa e começou a moldar a escultura. Sabia que ia sofrer muito quando ela se fosse embora, mas teria de recuperar.

Aborrecido, atirou a folha de lixa para o chão. Nunca iria esquecer Angelica. Saiu da oficina e pensou em ir

visitar o avô. Quando telefonou, Hiram atendeu imediatamente.

– Claro, vem jantar. Traz a rapariga de Nova Iorque. Encontrei mais músicas para ela. Canções que a minha mãe me cantava quando eu era criança.

Kirk quase gemeu ao ouvir aquele pedido. Não podia explicar ao avô porque não queria estar com Angelica. Não queria que sentisse pena... Como acontecera com Alice.

– Vou convidá-la, mas talvez tenha outros planos.

– O que poderia fazer em Smoky Hollow, que tu não soubesses? – perguntou o avô.

– Não estou atento a tudo o que faz – respondeu Kirk.

– Ouvi dizer que os participantes do festival tiveram um ensaio hoje – comentou Hiram.

– Angelica adorou.

– Já esperava. Enquanto jantamos, poderá falar-me da sua experiência. Vou preparar um churrasco e tu poderás cozinhar.

– Está bem – concordou Kirk, resignado. – Estaremos aí às seis.

Quando Kirk telefonou, Angelica adorou aceitar o convite. Um pouco antes das seis, foi buscá-la na sua motocicleta.

– Poderei falar ao teu avô sobre o ensaio – comentou, ainda emocionada. –

E gostaria que cantasse no festival. Achas que aceitará? – perguntou, enquanto punha o capacete.

– Não, mas podes pedir-lhe.

Ela sentou-se na motocicleta e agarrou-se a ele, que desejou ter escolhido a carrinha como meio de transporte. Tentou ignorar como se sentia ao tê-la por perto.

Assim que chegaram ao jardim da quinta, Hiram saiu para os receber, acompanhado do seu cão alegre.

– Menina, diga-me como correram as coisas no ensaio – pediu a Angelica, assim que Kirk parou a motocicleta.

Durante os minutos seguintes, Kirk observou como Angelica encantava o avô com o seu entusiasmo e avaliação

sincera do que acontecera no ensaio. Até comentou que era preciso um novo cantor, para equilibrar o número de participantes.

– Eu poderia recomendá-lo a Gina – disse, finalmente, sorrindo para Hiram.

Impressionado, Kirk viu que o avô parecia estar a considerar aquela sugestão.

Os três prepararam o jantar, porque Angelica insistiu em ajudar. Quando se sentaram à mesa, Kirk tentou recordar a última vez que uma mulher jantara naquela quinta.

– Portanto, já vê. Precisamos de si – concluiu ela, depois de voltar a insistir que Hiram cantasse. – Penso que devia

cantar a canção de que me disse a letra. Acha que eu conseguiria aprender a tocá-la a tempo? Rebusquei e encontrei as partituras em casa de Webb Francis. Poderia acompanhá-lo.

– Queres cantar? – perguntou Kirk ao avô.

– Talvez.

– Maravilhoso. Podemos telefonar a Gina neste momento. Tens o número dela? – perguntou Angelica a Kirk.

– Está na lista telefónica. Queres mesmo fazer isto, avô?

– Achas que não sou capaz? – perguntou Hiram, irritado.

– Penso que seria um milagre, fantástico – respondeu o neto.

– Telefona e veremos o que diz –

disse Hiram a Angelica.

Dez minutos depois, uma Angelica sorridente desligou o telefone.

– Ficou contente. Diz que irá muito mais gente.

– Suponho que irão verificar se ainda tenho voz – comentou Hiram.

– Vai demonstrar-lhes que sim – respondeu ela, rindo-se. – Parece-lhe bem que pratique para o acompanhar?

– Claro, quem mais quereria que o fizesse?

Depois de acabarem de jantar, Hiram e Angelica saíram para o alpendre para falar da música que iam ensaiar. Kirk lavou os pratos e foi verificar o estado da cerca da quinta, que fora reforçada.

Os porcos pareciam estar contentes nos seus currais.

Perguntou a si mesmo se seria capaz de conter a ansiedade de beijar Angelica até acabar o festival. Pensou que talvez fosse melhor se fizesse uma viagem rápida a Atlanta, para visitar a galeria de arte que exibia o seu trabalho. Ou podia ficar em casa e trabalhar na escultura da mulher no precipício... Correndo o risco de ter a vizinha tão perto.

Na manhã do dia seguinte, Kirk mal acabara de beber o café quando o telefone tocou.

– Vou ver Angelica – disse o avô. –

Vamos praticar na sala de música de Webb Francis.

– Está bem.

– Porque não almoçamos juntos? Angelica disse-me que estás a trabalhar numa escultura maravilhosa. Um velho como eu pode vê-la?

– Quando quiseres, já sabes. Se estiver na oficina, simplesmente entra.

O avô iria passar muitas horas com Angelica durante as próximas semanas. Pensou que se pudesse ouvir, se pudesse cantar, ter-se-ia voluntariado para ajudar no festival... Simplesmente, para passar mais tempo com ela. Invejava o avô. Era patético.

A semana seguinte passou muito depressa. Kirk habituou-se a ver o avô a visitar Angelica todas as manhãs. À tarde, ela dava aulas a Teresa Ann e a Sam. Mal a via e tentou convencer-se de que era o que queria. Aceitou um novo trabalho, para ajudar uma família a renovar a sua moradia e, à tarde, trabalhava na sua escultura.

Mas não ver Angelica diariamente, não diminuía a sua ansiedade de estar com ela.

Dez dias depois de o avô começar a ensaiar a sua canção, foi muito cedo à quinta para tomar o pequeno-almoço com ele.

— Estiveste ocupado — comentou

Hiram, quando se sentaram à mesa. – Angelica disse que não te tem visto. Ela também está muito ocupada, porque está a preparar-se para o festival.

– Finalmente, continua com a ideia de cantar?

– Sim. Vais ver-me?

– Claro, gostaria de voltar a ouvir-te cantar.

– Espero que consigas ouvir-me bem.

Kirk desejava poder ouvir o avô e Angelica. Pelo menos, o suficiente para apreciar a qualidade de ambos.

– Jody Miller telefonou há alguns dias e perguntou-me se se passa alguma coisa contigo – adiantou Hiram.

– Porque te telefonou? Estive a trabalhar na propriedade dele.

– Eu sei. Disse-me que o teu comportamento é muito estranho. Passa-se alguma coisa?

Perante aquela pergunta, Kirk encolheu os ombros.

– Talvez seja por causa de uma rapariga de Nova Iorque, não é? – insinuou o avô.

– Angelica vai-se embora em breve.

– E isso está a consumir-te, não é?

Kirk olhou para Hiram. Depois, suspirou e assentiu com a cabeça.

– A rapariga é muito bonita e doce. Recorda-me um pouco a tua avó, quando era jovem. Enganei-me tanto. Sempre me arrependerei.

Estupefacto, Kirk não se recordava

que o avô lhe tivesse falado da esposa. E, certamente, nunca afirmara que se arrependia de alguma coisa.

– Os homens Devon simplesmente não podem manter as mulheres ao seu lado – comentou.

– Se eu tivesse tratado melhor a tua avó, talvez ela tivesse ficado comigo. O caso da tua mãe foi diferente. O teu pai fez tudo o que pôde por ela mas, simplesmente, não queria ficar em Smoky Hollow. Mas tu, Kirk, és jovem e não tens de ficar aqui. Podes trabalhar nas tuas esculturas de madeira em qualquer lado, tal como na construção. Se há química entre ti e Angelica, não a deixes escapar.

– Nunca te tinha ouvido a falar assim.

– Quando um homem envelhece e está sozinho, pensa que podia ter mudado certas coisas no passado.

– Não compreendo o que poderias mudar.

– Eu compreendo. Poderia mudar muitas coisas. Não cometas os meus erros. Persegue aquilo que queres.

– Veremos – respondeu Kirk. Como não gostava do rumo que estava a tomar a conversa, começou a falar de assuntos da quinta.

Antes de se ir embora, Hiram olhou para ele.

– Tiveste notícias de Webb Francis?

– Sim, no outro dia falei com ele. Está a melhorar pouco a pouco e diz que irá

ao festival.

– Vai tocar? – quis saber o avô.

– Este ano não, mas tem muita vontade de ouvir Angelica.

Depois de se ir embora da quinta, Kirk dirigiu-se para a biblioteca. Queria usar a internet. Procurou o nome de Angelica e surpreendeu-se ao ver as numerosas referências que encontrou. Leu mais ou menos uma dúzia de entradas e ficou claro que ela era um membro muito valorizado da Orquestra Filarmónica, era uma verdadeira nova promessa.

Soube que iria prejudicá-la muito, se lhe pedisse para ficar. Tinha um futuro promissor.

Pensou que, possivelmente, o que

devia fazer era desfrutar dos catorze dias que ela ia estar ali, antes de se ir embora. Não queria arrepender-se de não o fazer.

Quando estava prestes a acabar de fazer uma sanduíche, Angelica ouviu que batiam à porta. Era Kirk. Não o via há uma semana.

– Estás ocupada? – perguntou, quando abriu a porta.

– Estou a fazer o almoço.

Kirk guardou silêncio e ficou a olhar para ela intensamente.

– Queres almoçar comigo? – ofereceu ela, por fim.

– Claro – respondeu ele, abrindo a

mosquiteira e entrando em casa.

Angelica dirigiu-se apressadamente para a cozinha, para fazer outra sanduíche.

– Surpreende-me ver-te – comentou, pondo as sanduíches nos pratos, sobre a mesa.

Kirk sentou-se e olhou para ela.

– Estive a trabalhar numa reforma, do outro lado da vila. E na escultura. Avancei muito. Queres ir vê-la depois do almoço?

– Poderia ir – respondeu, com cautela.

Quando começaram a comer, não conseguiu conter a sua curiosidade.

– Porque estás aqui?

– Vim ver-te. Pensei que podíamos

passar algum tempo juntos.

Angelica podia pensar em inúmeras razões para não passarem tempo juntos, a primeira era que estava a apaixonar-se perdidamente por ele.

– A fazer o quê? – perguntou.

– Mais tarde, podíamos ir a Bryceville, jantar num restaurante muito bom que conheço e depois ir ao cinema.

Ela assentiu com a cabeça, enquanto pensava que o que lhe propunha era um encontro em toda a regra.

Angelica escolheu com muito cuidado o que ia vestir no seu encontro, embora, na verdade, não tivesse muito por onde escolher. A t-shirt que vestiu realçava o

bronzeado e fazia com que os seus olhos azuis parecessem mais brilhantes.

Saiu para o alpendre para esperar Kirk e, poucos minutos depois, ouviu que a sua motocicleta se aproximava.

Desfrutou muito do trajeto até Bryceville, porque foi abraçada ao corpo musculado dele. Não podiam falar, mas não precisavam de nenhum tipo de conversa. Estar com Kirk era suficiente. Embora soubesse que devia tomar uma decisão a respeito do que ia fazer com o seu futuro, decidiu saborear cada segundo daquele dia, sem se preocupar com nada.

O churrasco que comeram no restaurante que ele conhecia estava delicioso e, ao saírem do local,

dirigiram-se para o cinema para ver uma comédia. Kirk explicou que conseguia ouvir bem a maioria dos filmes, porque o som nas salas de cinema era muito bom.

Compraram pipocas antes de entrar na sala. A certa altura, quando já estavam sentados com as luzes apagadas e com o filme no ecrã, ele deixou a caixa das pipocas no chão e deu a mão a Angelica.

Ela respirou fundo, enquanto sentia que todas as células do seu corpo respondiam àquele gesto. Não conseguia concentrar-se no filme. Tudo o que conseguia fazer era sentir a força da mão de Kirk, que apoiou as mãos entrelaçadas de ambos na sua coxa e

continuou a ver o filme. Pouco a pouco, Angelica tranquilizou-se e voltou a concentrar a sua atenção no ecrã.

Quando regressaram a casa, já tinha escurecido. Quando ele parou a motocicleta à frente da moradia de Webb Francis, ela desmontou. Ele fê-lo de seguida.

— Diverti-me muito — comentou Angelica, dirigindo-se para a porta de casa. — Queres entrar e beber um café? — não pôde evitar e fez a oferta.

— Noutro momento. Amanhã, tenho de ir trabalhar para a propriedade dos Miller — respondeu Kirk, aproximando-se dela. Abraçou-a e beijou-a apaixonadamente.

Angelica fechou os olhos e permitiu

que a magia do momento se apoderasse do seu corpo...

Angelica não sabia porque Kirk mudara de atitude, mas durante os dias seguintes, divertiu-se mais com ele do que nunca. Voltaram a visitar a piscina natural. Certa tarde, foram à loja da vila para comprar gelados e, num outro dia, Kirk levou-a para os bosques da zona. Uma nova tempestade deixou-os sem luz e obrigou-os a cozinhar na lareira. Beijaram-se, falaram de muitas coisas e voltaram a beijar-se. Ela até começou a desejar que houvesse mais tempestades... Desde que vivesse junto de Kirk.

Mas o tempo estava a passar e devia decidir o que fazer com o seu futuro. O seu representante voltara a telefonar em várias ocasiões, para tentar convencê-la a regressar a Nova Iorque e começar a ensaiar. Angelica não aceitara formalmente fazer a digressão, no caso de acontecer algo mais importante na sua vida... Como por exemplo, Kirk apaixonar-se por ela. Mas por muito que se divertissem juntos, não via nada nele que lhe desse esperança.

Mesmo assim, passava com Kirk o máximo tempo possível, quando ele a convidava para sair. Adorava entrar na oficina e vê-lo a trabalhar. A escultura era incrível. Já dera forma às árvores que havia no bosque, atrás do

precipício, embora a figura da mulher ainda não estivesse acabada. Como não ia acabar a obra antes de ela se ir embora, tinha pedido que lhe enviasse uma fotografia quando estivesse concluída.

Todos os dias, ele acariciava-a, beijava-a e abraçavam-se. Estava tão apaixonada, que nem sequer conseguia pensar com clareza.

Preocupava-se com Sam, que parecia nervoso face à iminência do festival, exatamente o contrário de Hiram, que não deixava de repetir que Marlene Parker, a pessoa com quem tivera uma certa disputa há alguns anos, ficaria impressionada ao vê-lo a cantar

novamente.

Teresa Ann e Sam praticaram com ela na tarde da véspera do festival. Rogaram e suplicaram para que não fosse para Nova Iorque. Ela deu-lhes um abraço enorme antes de se irem embora e disse ao menino que se sairia muito bem. Kirk foi vê-la depois de as crianças se terem ido embora. Ia sentir tanto a falta dele. Mas ele não lhe pedira, em nenhum momento, para ficar em Smoky Hollow.

– Queres ir dar uma volta de motocicleta? – perguntou Kirk.

– Claro – respondeu Angelica, que estava a tentar gravar na sua memória tudo o que pudesse.

Poucos minutos depois, estava

sentada atrás de Kirk, na motocicleta, enquanto desfrutava da brisa que corria e das paisagens lindas que ladeavam a estrada. Abraçou-o e saboreou o facto de o sentir tão perto. Desejou que aquele momento durasse para sempre.

Perguntou a si mesma se alguma vez regressaria àquela vila. Talvez fosse muito difícil voltar a ver Kirk, depois de se ter habituado a não estar com ele. Mas sabia que era melhor concentrar-se no que devia fazer com a sua vida e não desejar o impossível. Tinha pela frente uma digressão pela Europa e outra temporada com a Orquestra Filarmónica. Mais concertos. Mas o futuro não parecia ser tão emocionante

como lhe tinha parecido há apenas alguns meses.

Quando regressaram, já escurecera e parecia que se aproximava uma tempestade.

Kirk estacionou a motocicleta à frente da casa.

– Entra e janta comigo – ofereceu. – Ou podemos ir à cafetaria.

– Não achas que vai chover? Provavelmente, é mais seguro ficar aqui.

Fizeram o jantar. Ela fez uma salada e pôs a mesa, enquanto ele fritava uns bifés.

– Estás nervosa ao pensar no dia de amanhã? – perguntou Kirk, depois de se sentarem para comer.

– Não muito, mas estou preocupada

com Sam. Praticou tanto! Quero que faça tudo bem.

– Certamente, assim será – respondeu ele. – Quando te vais embora?

– Depois de amanhã. Há certas responsabilidades que não posso evitar.

– Sabíamos que irias embora.

Angelica desejou que lhe pedisse para ficar ou lhe dissesse que não queria que se fosse embora.

– Webb Francis telefonou hoje. A irmã vai trazê-lo para o festival – comentou, para mudar de assunto e evitar começar a chorar.

– Eu também tive notícias dele. Provavelmente, vamos sentar-nos juntos. Levarei o meu avô. Precisas que te leve

também?

– Não, eu vou com Sam e os pais. E com Teresa Ann.

Depois de lavarem a loiça que tinham usado, começou a chover.

– Vou a correr para casa, antes de começar a chover mais – disse Angelica.

– Vais ficar encharcada.

– Não sabemos quanto tempo estará a chover. Assim, poderei secar-me antes de me deitar.

Apesar dos protestos dela, Kirk acompanhou-a à casa de Webb Francis. Resguardados da chuva, no alpendre, segurou na cara dela e acariciou-lhe o rosto com os polegares. Olhou para ela fixamente nos olhos.

– És muito especial – assegurou. – Espero que tudo corra o melhor possível na tua vida – acrescentou, beijando-a com muita doçura. Depois, baixou as mãos. – Vemo-nos amanhã.

Angelica observou como ele se afastava. A figura dele estava imprecisa e não sabia se era devido à chuva ou às lágrimas que invadiam os seus olhos.

Capítulo 11

Havia um ambiente muito festivo. Quando Angelica chegou com Sam e a família Tanner ao recinto, dirigiram-se para o anfiteatro onde Gina estava a organizar os detalhes de última hora.

Sam mantinha o violino de Webb Francis contra o peito e não se afastava da sua professora.

– Sam, olha – disse Angelica, ao perceber como estava nervoso. – Tens só oito anos e vais participar pela primeira vez no festival. Diverte-te e

desfruta da experiência. Sempre a recordarás. Não te preocupes com mais nada.

– Estamos prestes a começar – anunciou Gina, indicando ao primeiro grupo participante que subisse ao palco. – Muita sorte a todos.

À medida que foi decorrendo, os participantes foram demonstrando os seus dotes artísticos. Quando chegou a vez de Sam, Angelica acompanhou-o ao palco. O menino parou no lugar que lhe indicaram e começou a tocar. Teve uma atuação maravilhosa. Com os olhos cheios de lágrimas, sentiu-se muito orgulhosa.

Depois de Sam acabar, o público aplaudiu durante vários minutos.

– Consegui!

– Tocaste maravilhosamente! – exclamou Angelica, abraçando-o.

Vinte minutos depois, ela respirou fundo e subiu ao palco. Não se encontrava num auditório escuro, mas num anfiteatro ao ar livre, cheio de pessoas alegres. Imediatamente, divisou Kirk e Webb Francis entre o público. Estavam na primeira fila e sorriram.

Por muito estranho que parecesse, depois de tantos anos a tocar violino, sentia-se nervosa. Ia interpretar um solo de Tchaikovsky. Olhou fixamente para Kirk e começou a tocar...

Quando acabou, o aplauso que obteve foi incrível. Durou vários minutos.

Sentiu-se quase atordoada, ao verificar que as pessoas tinham gostado tanto. Depois, sorriu e começou a tocar a canção que praticara durante o verão. *Orange Blossom Special*. Tocou-a a olhar para Kirk, com a esperança de que ele conseguisse ouvir cada nota.

O público enlouqueceu. Começou a bater palmas e a gritar. Quando ela acabou de tocar, pediram-lhe para tocar novamente. De um lado do cenário, Gina assentiu com a cabeça. Angelica voltou a interpretar a canção. Depois, fez uma reverência e saiu do palco.

– Ainda estão a bater palmas e a chamá-la – disse Sam. – Devia voltar ao palco.

Ela voltou a subir, levantou o seu

violino a modo de despedida e fez outra reverência. Depois, retirou-se.

– Excelente – comentou Hiram, aproximando-se de Angelica e do aluno dela.

– Estava a perguntar-me onde estaria – disse ela, dando-lhe um abraço fugaz.

– Sentei-me entre o público, para poder desfrutar de todas as atuações.

– Está pronto?

– Sim – respondeu Hiram, dirigindo-se depois a Sam. – Tu, pequeno Sam, fizeste tudo muito bem.

– No ano que vem, também vou tocar – respondeu o menino, sorrindo.

Minutos depois, Hiram e Angelica subiram ao palco. Ela pôs-se

ligeiramente atrás dele, para lhe dar o protagonismo que merecia. A voz maravilhosa do idoso apoderou-se do anfiteatro. Angelica olhou para Kirk, que olhou para ela. Com o coração acelerado, sentiu que se enchiam os olhos de lágrimas ao ouvir a letra triste da canção. Quando Hiram acabou de cantar, o público aplaudiu e felicitou-o. Quando saíram do palco, Gina abraçou-o.

— São fantásticos. Voltarão a participar no ano que vem, não é verdade?

Angelica ficou impressionada. Não pensara em regressar a Smoky Hollow.

Hiram assentiu com a cabeça e procurou o neto com o olhar. Um

momento depois, Kirk aproximou-se deles.

– Cantaste maravilhosamente bem – disse ao avô, abraçando-o.

Hiram protestou, mas corou, mostrando como estava satisfeito.

– E tu tocaste como um anjo – disse Kirk a Angelica. – Tens um talento incrível.

– Estamos prontos para ir embora? – perguntou Hiram.

– Claro – respondeu Kirk, sem deixar de olhar para Angelica. – Vais-te embora de manhã, não é?

– Sim, vou de autocarro – respondeu, desejando que ele lhe pedisse para ficar.

– Faz uma boa viagem – desejou ele.

Angelica assentiu com a cabeça e sorriu. Mas doeu-lhe o coração e sentiu um nó na garganta.

– Obrigada por tudo o que fizeste por mim.

– Vamos. Os porcos têm fome – indicou Hiram, que olhou para Angelica.

– Volta no ano que vem. Talvez encontre uma canção que possamos interpretar no próximo festival.

– Irei recordá-lo – respondeu ela, sem se comprometer. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Adeus, rapariga – disse o idoso, abraçando-a. – Não nos esqueças.

Angelica regressou a casa de Webb

Francis na carrinha dos Tanner, que lhe agradeceram efusivamente por ajudar o filho. Ao despedir-se deles, abraçou estreitamente Sam. Decidiu fazer a mala de manhã, porque não tinha muito para guardar. Ia de autocarro para Louisville e, de lá, apanharia o avião. A casa estava limpa, por isso, serviu-se de um copo de chá gelado e saiu para o alpendre. Estava a habituar-se ao calor húmido.

Antes de se deitar, espreitou pela janela do seu quarto e olhou para a casa de Kirk. A luz da oficina estava acesa. Pensou em ir lá, mas era muito tarde e já se tinham despedido. Deitou-se e perguntou a si mesma se sabia o que queria fazer com a sua vida. Levou uma

mão ao peito, sentindo medo de estar a afastar-se do melhor que já lhe acontecera. Kirk Devon.

Na manhã do dia seguinte, Kirk dirigiu-se para a casa vizinha. Bateu à porta e esperou. Mas não obteve resposta. Entrou na moradia e chamou Angelica em voz alta. Depois de dar uma volta pela casa, verificou que já se fora embora. O pânico invadiu-o.

Apressou-se a sair e a entrar na carrinha. Chegou à loja da estação de serviço em tempo recorde.

Angelica estava no alpendre, a falar com Paul e Melvin. A sua mochila estava no chão e o seu violino estava

apoiado numa coluna. Rindo-se por causa de algo que dissera um dos idosos, virou-se e viu-o. Nas mãos, tinha o urso de peluche e o chapéu cor-de-rosa.

Ele parou e ficou a olhar para ela durante um longo momento. Então, como se estivesse a sonhar, saiu da carrinha e aproximou-se dela.

– Vieste despedir-te de Angelica? – perguntou Paul.

– Já nos despedimos ontem – comentou ela, lançando a Kirk um olhar fugaz.

Naquele preciso momento, o autocarro que devia apanhar apareceu na estrada.

– Vai entrar? – perguntou o condutor

do veículo a Angelica.

Ela assentiu com a cabeça.

– Só tenho esta mochila e o violino – comentou, pegando em ambas as coisas. Depois, dirigiu-se a Kirk. – Foram umas férias maravilhosas. Graças a ti – acrescentou, esboçando um sorriso triste. – Talvez venha visitar-te novamente.

– Se te fores embora, não regressarás – respondeu ele.

– Possivelmente – concedeu Angelica. E despediu-se com a mão, de Paul e Melvin. Depois, sorriu para Kirk antes de entrar no autocarro.

Angustiado, desejou pedir-lhe para ficar, mas as palavras não saíam.

Observou como ela escolhia um lugar junto da janela e voltava a despedir-se dele com a mão.

Poucos segundos depois, o autocarro foi-se embora.

Capítulo 12

Os últimos acordes da melodia apagaram-se no auditório. Angelica respirou fundo e baixou o violino. O aplauso que obteve foi avassalador.

Ela sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça, enquanto desejava a privacidade do seu quarto de hotel em Paris. Voltou a sorrir e afastou-se do palco. Só faltava dar mais alguns concertos e regressaria a Nova Iorque.

Nos camarins, olhou para os outros artistas e pensou se se sentiriam tão

sozinhos como ela. Uma dor profunda apoderara-se do seu coração desde que deixara Smoky Hollow...

– Esta gente já ouviu alguma vez *Orange Blossom Special*? – perguntou uma voz familiar, atrás dela.

Angelica virou-se e não pôde acreditar naquilo que viam os seus olhos. Duvidou se realmente era Kirk Devon que estava diante dela. Usava um fato escuro, camisa branca e uma gravata vermelha. Estava muito bonito.

– Kirk? – perguntou, com o coração acelerado.

Ele assentiu com a cabeça, enquanto olhava para ela fixamente.

Angelica ficou com falta de ar.

– O que fazes aqui?

– Vim ver-te e ouvir-te.
– Conseguiste ouvir?
– Penso que ouvi a maior parte. Mas ver-te já era suficiente.

– Não sabia que vinhas a Paris – comentou ela.

– Só quando comprei o bilhete é que soube. Fui ver-te a Nova Iorque, mas não estavas lá.

– Andei várias semanas em digressão.

– Eu sei – respondeu Kirk, aproximando-se dela. Tirou um envelope do bolso das calças. – Trouxe umas fotografias da escultura. Queria cumprir a minha palavra.

Durante um momento, ela temeu começar a chorar. Ficou a olhar para o

envelope e pensou se ele teria ido a França só para lhe mostrar a obra de arte terminada, através das fotografias.

Com dedos trémulos, pegou no envelope e abriu-o. Tirou meia dúzia de fotografias. Numa, via-se a obra completa no chão da oficina. Ficara linda. Noutra, via-se de perto as árvores e noutra o precipício. A fotografia seguinte mostrava a mulher, que refletia uma mistura de medo e esperança na expressão do seu rosto. Era incrível.

Sentiu-se muito emocionada. Estivera desejosa de o ver durante semanas.

– É linda – conseguiu dizer e pestanejou para conter as lágrimas.

– Quase tão linda como a mulher que a inspirou – comentou ele, aproximando-

se ainda mais dela. – Estive a pensar, Angelica. Desde que consigo recordar, os homens Devon nunca foram capazes de manter as mulheres ao seu lado. Cheguei a pensar que tinha um problema.

– Não há nenhum problema contigo – assegurou ela.

– Talvez o tenha, talvez não. Fui um pouco inflexível. Pensava que sabia o que queria. Mas... Há algumas coisas por que vale a pena renunciar a outras.

Angelica franziu o sobrolho. Não compreendia onde Kirk queria chegar.

– Como viver em Smoky Hollow – continuou ele.

– Mas adoras viver lá. Fazes parte da

comunidade. O que faria o teu avô, se te fosses embora?

– Suponho que seguiria em frente, sem mim. Tenho o direito de decidir o que fazer com a minha vida – respondeu Kirk, aproximando-se tanto dela que pôde acariciar-lhe a face.

Angelica susteve a respiração.

– Sou suficiente, Angelica? – perguntou ele.

– Suficiente para quê?

– Para passares a tua vida comigo.

Ela pestanejou e não pôde evitar começar a chorar.

– Oh, querida, não chores. Por favor! – pediu Kirk, secando-lhe as lágrimas com o polegar. – Queres casar comigo? Pensa, antes de responder. Irei onde

quiseres. Não temos de viver em Smoky Hollow. Amo-te, Angelica. Quando foste embora, fiquei completamente abatido. Por vezes, pensei... Bom, esperei que algumas das tuas reações significassem que... Olha, pensa nisso.

Ela abanou a cabeça.

– Está bem, foi só um pensamento – murmurou, dececionado.

– Não, não! Não posso acreditar que aches que preciso de um momento para pensar. Antes de me ir embora, queria que me pedisses para ficar. Mas nunca o fizeste.

– Querias que te pedisse? Quase o fiz, mas não sabia se sentias o mesmo que eu.

– Amo-te, Kirk. Acho que me apaixonei por ti quando nos salpicámos com água na ribeira.

Ele não pôde conter-se mais e abraçou-a estreitamente. Depois, beijou-a apaixonadamente.

– Acabaste de trabalhar por hoje? – perguntou, ao afastar-se dela.

– Sim – respondeu Angelica, que pensava que tudo aquilo era um sonho.

– Então, vamos jantar e assim podemos falar. Esclarecemos a situação e fazemos planos.

Encontraram um pequeno restaurante, onde estiveram a falar durante grande parte da noite. Explicou-lhe o medo que tinha de não ser capaz de lhe oferecer o

suficiente e confiou-lhe como lhe doera quando ele tinha parecido tão distante. Mas também se riram ao recordar várias histórias que tinham acontecido no verão.

– Vamos casar em Paris – sugeriu Kirk, enquanto esperavam pelo táxi que os levaria aos respetivos hotéis.

– Agora? – perguntou Angelica, impressionada. – Porque não?

– Não poderemos celebrar um grande casamento – avisou ele.

– Tu é que tens muitos amigos. Se não te importares, eu também não. Penso que é uma ideia fantástica. Realmente, podemos fazê-lo?

– Descobriremos. Suponho que a resposta é sim. Não é? Não me

respondeste.

– Sim! Amo-te, Kirk Devon, e sempre te amarei – respondeu, antes de se fundirem num beijo apaixonado, na noite de Paris.

Epílogo

Já na primavera, o pano de fundo caiu e os músicos começaram a abandonar as suas posições. Angelica, com o seu violino abraçado contra o peito, apressou-se a sair do palco. Os pais tinham ido para a ouvir a tocar a última sinfonia da temporada e Kirk estava à espera dela. Nos bastidores, enquanto punha o violino na caixa, viu como ele se aproximava.

— Fantástico — felicitou Kirk, abraçando-a e beijando-a. Estava muito

bonito, vestido com um *smoking*.

– Tocaste melhor do que nunca – comentou a mãe, aproximando-se deles.

– Nasceu para ser violinista.

– Possivelmente – concedeu Angelica, pensando que, na verdade, tinha nascido para ser a esposa de Kirk.

– Têm a certeza de que não querem ir a Boston durante alguns dias? – perguntou o pai.

– Sim, temos outros planos. Vamos para Atlanta, para ver a galeria de arte e depois regressaremos a casa.

– A tua casa é aqui – indicou a mãe. – Smoky Hollow é o teu lugar das férias.

Kirk ficou tenso e Angelica deu-lhe uma cotovelada.

– Na verdade, o nosso lar é onde quer

que estejamos – respondeu. – E, durante os próximos meses, estaremos lá.

A mãe olhou para Kirk e Angelica sabia que ele se divertia muito. Não se importava que a sogra não gostasse dele... Que ainda não tivesse aceitado a ideia de a filha se casar com um homem que fazia esculturas para ganhar a vida.

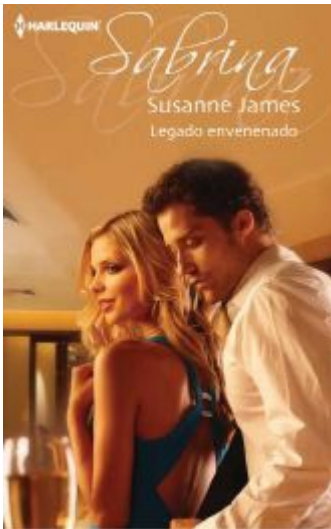
Os sete meses anteriores tinham sido maravilhosos. Tinham dividido o seu tempo entre Nova Iorque, onde Angelica cumpria os seus compromissos profissionais, e Smoky Hollow, onde descansavam. Era a solução perfeita. Aos fins de semana, ela tocava violino com Webb Francis e as crianças. Sam melhorava cada vez mais e Teresa Ann

já tinha o seu próprio violino.

Hiram informara-os na sua última carta de que tinha uma canção nova para praticarem e poderem interpretá-la juntos em agosto.

E, naquela noite, quando os pais se fossem embora, Angelica tinha algo muito especial para contar ao marido. Pensou se devia renunciar aos concertos e concentrar-se na sua família, mas haveria tempo para pensar naquilo, quando revelasse a Kirk a boa nova. O verão de descanso em Smoky Hollow dera-lhe uma felicidade enorme. Uma felicidade sem fim!

Se gostou deste livro, também gostará
desta apaixonante história que cativa
desde a primeira até à última página.



www.harlequinportugal.com